



Prática de Ensino Supervisionada - A importância dos espaços exteriores na aprendizagem das crianças

Tânia Rafaela Pereira Fernandes

Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientado por

Manuel Luís Pinto Castanheira

Bragança
Dezembro, 2021

Agradecimentos

A realização deste relatório final contou com imprescindíveis apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado uma realidade e aos quais estarei eternamente grata. Terminado este percurso, expresso os meus agradecimentos:

Ao Professor Doutor Luís Castanheira, o meu orientador do presente relatório e supervisor no contexto de Educação Pré-Escolar por toda a disponibilidade, apoio, motivação, paciência, profissionalismo e partilha ao longo deste percurso, o meu profundo obrigada!

À Professora Doutora Céu Ribeiro, a minha orientadora no contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, por toda a disponibilidade, apoio e ajuda para que a minha prática corresse pelo melhor.

A todas as crianças que fizeram parte do meu percurso e me acompanharam ao longo da Prática de Ensino Supervisionada (PES), por todos os abraços, presentes, pelo entusiasmo demonstrado nas minhas atividades e por me proporcionarem momentos enriquecedores para o meu futuro profissional.

Aos Encarregados de Educação de todas as crianças com quem trabalhei, por confiarem no meu trabalho e por ajudarem direta e indiretamente na realização deste relatório.

Às educadoras e professoras cooperantes da minha PES por me receberem tão bem, por toda a paciência, carinho, apoio e motivação.

À minha prima Susana, a minha irmã de outra mãe, por acreditar em mim, muitas das vezes mais do que eu própria, por me apoiar e ajudar em tudo, por viver esta caminhada como se também fosse dela e pelo amor incondicional que nos une, para sempre. Ao Eurico e à Maria por fazerem parte da minha vida e por todo o amor.

Ao meu namorado, pelo amor, pela paciência, pela compreensão, pelo otimismo e conforto nos momentos mais difíceis. Sei que foram momentos mais trabalhosos, mas mesmo assim, não desististe. Obrigada de coração.

Aos meus tios por terem sempre um sorriso e um abraço tanto na minha ida como na minha chegada e pelas palavras de apoio.

Às minhas colegas e amigas, Ana, Catarina, Daniela, Betty, Fátima e Vera, por fazerem parte deste percurso, por estarem sempre presentes, por todo o carinho, apoio e por todos os momentos inesquecíveis. Obrigada por tudo!

À minha amiga, que é uma irmã, por nunca me deixar desistir, por acreditar em mim e por me ajudar em tudo, pelas palavras de encorajamento, por me ouvir, pelo amor e por nunca me falhar.

À minha afilhada pelos desenhos, beijos e abraços quando estava mais em baixo e por vir dar mais cor à minha vida.

Aos meus amigos, Hélder, Daniela e Maria Inês, por estarem sempre presentes e prontos a ajudar.

Por fim, e mais importante, à minha mãe, que de tudo fez para que isto fosse possível, pelo amor incondicional, pelas palavras e por cada abraço antes de cada viagem para Bragança. Um obrigada nunca será suficiente.

A toda a minha família e amigos, a todos o meu sincero obrigada!

Resumo

O presente relatório que apresentamos tem como tema *A importância do espaço exterior na aprendizagem das crianças*. A nossa investigação foi direcionada no sentido de dar resposta à questão-problema: “*De que forma a utilização dos espaços exteriores influenciam nas aprendizagens das crianças?*” e para lhe darmos resposta delineamos os seguintes objetivos: (i) compreender e avaliar a organização dos espaços interiores e exteriores das instituições da PES e as ações pedagógicas que neles se desenvolvem; (ii) aumentar o número de atividades realizadas no exterior da Instituição; (iii) estimular e promover a exploração dos elementos que constituem a natureza; (iv) criar atividades/materiais que promovam o brincar e o aprender no exterior; (v) promover a aprendizagem ao ar livre; (vi) conhecer a opinião dos encarregados de educação e dos professores/educadores sobre a exploração dos espaços exteriores. O presente relatório integra-se numa abordagem investigativa de natureza qualitativa, desenvolvida na EPE num grupo de 25 crianças com 3 anos de idade e, no 1.º CEB com um grupo de 23 crianças do 1.º ano de escolaridade. A recolha de dados, foi realizada com base na observação participante, inquéritos por questionários, notas de campo e registos fotográficos. A análise dos dados recolhidos, mostram que as crianças gostam quando têm a oportunidade de explorar e brincar no espaço exterior e quando algumas atividades são realizadas neste espaço, permite que estas estejam mais interessadas, atentas, participativas e motivadas para as atividades, tendo estas um papel ativo na construção de novos conceitos, experiências que contribuem positivamente nas suas aprendizagens. A exploração dos espaços exteriores e o brincar ao ar livre, oferecem oportunidades de a criança experimentar, explorar, descobrir, imaginar e aprender. O simples ato de proporcionar às crianças a exploração e o brincar no espaço exterior, permite que estas se desenvolvam e adquiram várias competências essenciais para a sua vida, pois estes espaços contribuem e promovem aprendizagens significativas.

Palavra-Chave: Prática de Ensino Supervisionada; Educação Pré-Escolar, 1.º Ciclo do Ensino Básico; Espaço exterior; Brincar ao ar livre.

Abstract

The theme of this report is the importance of outdoor space in children's learning. Our research was directed towards answering the question-problem: "How does the use of outdoor spaces influence children's learning?" and to answer it we have outlined the following objectives: (i) understand and assess the organisation of the indoor and outdoor spaces of the PES institutions and the pedagogical actions that are developed in them; (ii) increase the number of activities carried out outside the institution; (iii) stimulate and promote the exploration of the elements that constitute nature; (iv) create activities/materials that promote playing and learning outside; (v) promote outdoor learning; (vi) know the opinion of parents and teachers/educators about the exploration of outdoor spaces. This report is part of an investigative approach of a qualitative nature, developed in the kindergarten with a group of 25 children aged 3 years old and, in the 1st CEB with a group of 23 children from the 1st year of schooling. Data collection was based on participant observation, questionnaire surveys, field notes and photographic records. The analysis of the data collected shows that children like it when they have the opportunity to explore and play in the outdoor space and when some activities are carried out in this space, it allows them to be more interested, attentive, participatory and motivated for the activities, having these an active role in the construction of new concepts, experiences that contribute positively in their learning. The exploration of outdoor spaces and outdoor play offer opportunities for children to experiment, explore, discover, imagine and learn. The simple act of providing children with exploration and play in the outdoors allows them to develop and acquire several essential skills for their lives, as these spaces contribute and promote significant learning.

Keywords: Supervised Teaching Practice; Pre-school Education, Primary School; Outdoor space; Outdoor play.

Siglas e acrónimos

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

AAAF– Atividades de Apoio às Famílias

E@D– Ensino à distância

EE– Encarregado de educação

EEA – Experiências de Ensino-Aprendizagem

EIE – Educadora de Infância Estagiária

EPE – Educação Pré-Escolar

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PE– Professora Estagiária

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Siglas e acrónimos	vii
Índice geral	ix
Índice de figuras, tabelas e anexos	xi
Introdução	1
1. Enquadramento teórico	5
1.1. Conceito de brincar	5
1.2. A importância do brincar no exterior na aprendizagem da criança.....	9
1.3. O papel do professor/educador na exploração do espaço exterior	11
1.4. A influência das manifestações climatéricas	13
1.5. O brincar em tempos de pandemia	15
1.6. O espaço exterior nos documentos oficiais (OCEPE e Programa do Estudo do Meio no 1.º CEB)	16
2. Metodologia de Investigação	19
2.1. Questão problema e objetivos.....	20
2.2. Natureza da investigação e instrumentos de recolha de dados	21
2.2.1. Observação	22
2.2.2. Notas de campo	22
2.2.3. Registos fotográficos	22
2.2.4. Grelhas de observação	22
2.2.5. Inquérito por questionário	23
3. Caracterização dos contextos educativos	25
3.1. Caracterização da Instituição	25
3.2. Caracterização do contexto educativo de Educação Pré-Escolar	27
3.2.1. Caracterização do grupo/turma	27
3.2.2. Caracterização do espaço	29
3.3. Caracterização do contexto educativo do 1.º Ciclo do Ensino Básico	32
3.3.1. Caracterização do grupo/turma	32
3.3.2. Caracterização do espaço	33
4. Apresentação das experiências de ensino e aprendizagem realizadas nos contextos da Prática de Ensino Supervisionada	37
4.1. Experiências de ensino e aprendizagem em Educação Pré-Escolar	37
4.1.1. “O outono”	37
4.1.2. “A Vida Saudável”	44

4.1.3. “Caça tesouro” (E@D).....	51
4.2.Experiências de ensino e aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico	54
4.2.1. “Plantamos uma árvore”	54
4.2.2. “Educação Financeira”	57
4.2.3. “Teatro de sombras”	61
5. Apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos nos contextos da Prática de Ensino Supervisionada	67
5.1.Apresentação, análise e interpretação de dados recolhidos na Educação Pré-Escolar	67
5.2.Apresentação, análise e interpretação de dados recolhidos no 1.º Ciclo do Ensino Básico	74
Considerações finais	83
Referências bibliográficas	87
Anexos	91

Índice de figuras, tabelas, gráficos e anexos

Figuras

Figura 1. Gráfico da distribuição das crianças inscritas por género no contexto da EPE ..	27
Figura 2. Gráfico da distribuição das crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar por género	28
Figura 3. Gráfico da utilização das AAAF	28
Figura 4. Gráfico da distribuição das crianças inscritas por género	32
Figura 5. Planta da sala de aula (Fonte Própria)	33
Figura 6. Imagem do livro “Um abraço”	38
Figura 7. Distribuição das folhas e do desenho	40
Figura 8. Desenho das crianças	41
Figura 9. Imagem do livro “Como se faz cor-de-laranja”	42
Figura 10. Pintura com cotonetes	42
Figura 11. Trabalho finalizado	43
Figura 12. Registos na cartolina	45
Figura 13. Imagens para a realização do livro.....	46
Figura 14. Imagem do livro “Come a sopa, Marta!”	46
Figura 15. Imagens da “sopa”	47
Figura 16. Capa do livro.....	48
Figura 17. Conteúdo do livro.....	48
Figura 18. Conteúdo do livro.....	48
Figura 19. Experiência de sabores.....	49
Figura 20. Aula de Educação Física no exterior.....	50
Figura 21. Tabela da Vida saudável	51
Figura 22. Imagem do livro “A árvore da escola”	55
Figura 23. Observar e explorar o espaço exterior.....	56

Figura 24. Plantação da flor	56
Figura 25. Plantação da árvore	56
Figura 26. Ilustração das crianças	57
Figura 27. Montagem das “bancas”	60
Figura 28. Mercadinho	60
Figura 29. Compras e vendas	60
Figura 30. Decoração das personagens	64
Figura 31. Personagens decoradas	64
Figura 32. Gráfico das atividades que as crianças de EPE mais gostaram	69
Figura 33. Gráfico do sexo dos EE	70
Figura 34. Gráfico das idades dos EE	70
Figura 35. Gráfico do grau de parentesco	71
Figura 36. Gráfico do número de filhos dos EE.....	71
Figura 37. Gráfico das respostas à pergunta “Com que frequência brinca com o(s) seu(s) filho(s) ao ar livre?”	72
Figura 38. Gráfico das respostas à pergunta “As condições meteorológicas influenciam as brincadeiras ao ar livre?”	73
Figura 39. Gráfico das idades das crianças	75
Figura 40. Gráfico do sexo das crianças	75
Figura 41. Nuvem de palavras.....	75
Figura 42. Gráfico das atividades que as crianças mais gostaram	76
Figura 43. Gráfico das respostas das crianças à pergunta: "Gostas mais das aulas no exterior ou dentro da sala de aula?"	76
Figura 44. Gráfico das respostas à pergunta “As atividades no exterior são importantes para aprendizagem?”	78
Figura 45. Gráfico das respostas à pergunta “Quantas vezes tiveste aulas no exterior com a estagiária Tânia?”	80

Figura 46. Gráfico das atividades que as crianças mais gostaram de realizar no espaço exterior.....	81
---	----

Figura 47. Gráfico das respostas à pergunta “Quantas vezes por semana tinhas aulas no exterior?”	82
--	----

Tabelas

Tabela 1. Rotina diária das crianças da EPE	30
---	----

Tabela 2. Horário da turma do 1.º CEB	34
---	----

Tabela 3. Atividades que as crianças da EPE mais gostaram	68
---	----

Tabela 4. Categorização das respostas dos EE sobre se a pandemia tinha modificado “alguns” dos hábitos do brincar ao ar livre	73
---	----

Tabela 5. Categorização das justificações dadas pelas crianças à pergunta “Gostas mais das aulas no exterior ou dentro da sala de aula?”	77
--	----

Tabela 6. Categorização das justificações dadas pelas crianças à pergunta “Achas que as aulas que tiveste no exterior foram importantes para a tua aprendizagem”	79
--	----

Anexos

Anexo 1- Inquéritos feitos aos EE.....	91
--	----

Anexo 2- Inquéritos feitos aos alunos do 1.º CEB	93
--	----

Introdução

O presente relatório foi desenvolvido durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES) no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar (EPE) e ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.ºCEB). A investigação realizada incide no tema *A importância do espaço exterior na aprendizagem das crianças*, uma vez que um dos pontos fulcrais deste trabalho foi observar que tipo de utilização dão os professores/educadores ao espaço exterior como meio de aprendizagem, uma vez e seguindo a opinião de Bilton, Bento e Dias (2017) “em contacto com a Natureza, a criança tem a possibilidade de mobilizar corpo e sentidos na sua ação, cognição e emoção, acedendo a um conjunto de experiências que dificilmente podem ser recriadas em ambientes fechados” (p.160).

Assim, ao longo do presente relatório, debruçarmo-nos sobre o contributo que os espaços exteriores proporcionam às aprendizagens das crianças. Este foi um tema que desde o início nos despertou bastante interesse, existindo algumas questões que nos levantavam dúvidas, nomeadamente, de que forma é que o espaço exterior é aproveitado no contexto educativo. Para dar resposta às nossas dúvidas e de modo a facilitar a investigação e, posteriormente, a prática realizada nos contextos de PES, delineamos vários pontos nos quais nos debruçamos ao longo da prática investigativa, recorrendo a autores e estudos existentes do tema em questão.

A escolha deste tema surgiu pelo facto de considerarmos, ser importante e fundamental brincar e realizar atividades no exterior. Por este ser um tema que nos suscita curiosidade e interesse, pretendemos investigar se atualmente os contextos educativos implementam atividades no exterior, de que forma o fazem e a que áreas dão mais ênfase, uma vez, e corroborando com Neto (2020), “Brincar é adaptar-se a situações incertas, é treinar para o inesperado e imprevisível, é a vivência do instante, através de ações diversas na utilização do corpo em espaços físicos (naturais e construídos) e na relação com os outros” (p.37).

A importância de brincar ao ar livre é transversal a todas as idades e é importante que seja dado mais relevo ao brincar nos espaços exteriores. É também fundamental desenvolver trabalho com as crianças no espaço exterior como forma de estimular o contacto com a natureza e aumentar os níveis de motivação, concentração e desenvolvimento holístico das crianças.

Desde os primórdios da história, sempre houve uma preocupação com a procura de um espaço que favorecesse a aprendizagem das crianças. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016) definem o espaço exterior como

(...) um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior. Se as atividades que se realizam habitualmente na sala também podem ter lugar no espaço exterior, este tem características e potencialidades que permitem um enriquecimento e diversificação de oportunidades educativas (p.27).

Ao longo da PES, tivemos a oportunidade de observar, cooperar e intervir em dois contextos educativos distintos: a Educação Pré-Escolar (EPE) e o 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB). Ao contrário dos anos anteriores, não foi possível realizar a PES no contexto de Creche devido à pandemia provocada pelo Coronavírus Covid-19 SARS-COV2. Assim, iniciamos o estágio na EPE num grupo de 25 crianças com três anos de idade. É de salientar que durante o decorrer do estágio estavam a frequentar, apenas, 19 crianças. O segundo e último momento da PES, ocorreu no 1.º CEB numa turma do 1.º ano de escolaridade com um grupo de 23 crianças com idades de seis e sete anos. A prática investigativa teve a duração de vinte e sete semanas, três dias por semana com a duração de 5 horas (dezasseis na EPE e onze no 1.º CEB), em que cinco delas foram realizadas online no contexto de EPE, que acontecia às sextas-feiras e tinham a duração de 1 hora.

É de ressaltar, que ambos os contextos pertenciam à mesma instituição, tendo esta as duas respostas educativas (EPE e 1.º CEB) fazendo parte de um dos agrupamentos situado na cidade de Bragança, pertencente à rede pública do sistema educativo.

Relativamente à estrutura, o presente relatório, para além da introdução, considerações finais, referências bibliográficas e os anexos, encontra-se organizado em cinco pontos, sendo o primeiro ponto constituído pelo enquadramento teórico em que apresentamos a investigação em torno da problemática em estudo, sustentando-a em autores e estudos referenciados na área. Neste ponto elencamos os seguintes subtópicos: (i) Conceito de brincar; (ii) A importância do brincar no exterior na aprendizagem da criança; (iii) O papel do professor/educador na exploração do espaço exterior; (iv) A influência das manifestações climáticas; (v) O brincar em tempos de pandemia; e (vi) O espaço exterior nos documentos oficiais (OCEPE e Programa do Estudo do Meio no 1.º CEB).

No segundo ponto, é apresentado a metodologia de investigação, que integra a problemática em estudo, os objetivos que nos propomos dar resposta no final do relatório, assim como, a natureza da investigação e os instrumentos e técnicas de recolha de dados utilizados no decorrer da prática investigativa.

No terceiro ponto do presente relatório, surge a caracterização dos contextos educativos onde se realizou a PES, dando ênfase ao espaço da instituição e das salas dos dois contextos, à rotina diária das crianças e à caracterização do grupo com quem tivemos a oportunidade de trabalhar.

No quarto ponto, apresentamos de forma detalhada as experiências de ensino aprendizagem (EEA) realizadas na EPE e no 1.º CEB. A análise dos questionários realizados às crianças do 1.º CEB e aos pais das crianças da EPE, encontram-se presentes no quinto e último ponto do presente relatório.

Para finalizar, é apresentado as considerações finais sobre a investigação realizada e sobre os aspetos mais pertinentes das nossas observações da PES, dando, assim, resposta aos objetivos definidos para a concretização do presente trabalho.

1. Enquadramento Teórico

Neste ponto, é apresentado o enquadramento teórico do tema *A importância do espaço exterior na aprendizagem das crianças*, expondo alguns aspetos teóricos sobre a problemática em estudo, citando vários autores e estudos que se debruçaram sobre o presente tema. Toda a informação recolhida e exposta neste ponto, contribuíram e sustentaram toda a prática investigativa realizada e, conseqüentemente, toda a PES. Neste ponto, também, tivemos em linha de conta alguns documentos oficiais, nomeadamente as OCEPE e o Programa do Estudo do Meio no 1.º CEB.

Assim, e para facilitar a organização de toda a informação recolhida sobre a problemática em estudo, este tópico foi dividido em seis subtópicos: (i) Conceito de brincar; (ii) A importância do brincar no exterior na aprendizagem da criança; (iii) O papel do professor/educador na exploração do espaço exterior; (iv) A influência das manifestações climáticas; (v) O brincar em tempos de pandemia; e (vi) O espaço exterior nos documentos oficiais (OCEPE e Programa do Estudo do Meio no 1.º CEB).

1.1. Conceito de brincar

Brincar é uma atividade muito importante para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. É a partir do brincar que a criança estimula a sua imaginação, a criatividade, a memória, a imitação, a atenção e a socialização com outras crianças e adultos, (re)criando jogos ou brincadeiras. Brincar possibilita que a criança conheça o mundo que a rodeia e que tenha contacto com a natureza e com os materiais que constituem o seu ambiente educativo e familiar. Na perspetiva de Vygotsky (1987) citado por Ganhão, (2017)

(...) brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (p. 16).

Ao brincar, as crianças vão criando conceitos e clarificando outros que lhes permitem dar sentido aos objetos e acontecimentos que estão ao seu redor e que fazem parte do seu meio, contribuindo para a aprendizagem de vários conhecimentos (Silva et al., p.31). De uma forma espontânea, explorativa e livre a criança ao brincar pode-se interrogar sobre vários acontecimentos e, conseqüentemente, sobre os conceitos a que referem, motivando uma pesquisa e análise por parte do docente em conjunto com a turma. Muitos projetos podem começar, por exemplo, com uma simples brincadeira no exterior, tornando a aprendizagem mais lúdica e fascinante, uma vez e corroborando com Silva et al. (2016) brincar é uma “atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração” (p. 105).

Quando a criança brinca, vai construindo o seu conhecimento de tudo que está à sua volta de um modo mais lúdico. A criança está mais livre para explorar o que está à sua volta, manuseando os materiais e observando-os em toda a sua perspectiva. Silva et al. (2016), referem o brincar “como uma atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e a aprendizagem e se caracteriza pelo elevado envolvimento da criança, demonstrando através de sinais como prazer, concentração, persistência e empenho” (p.11).

Na perspectiva de Santos (2002) brincar é:

(...) uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento (p.12).

Vários autores definem brincar como uma experiência cultural, que permite à criança ficar a conhecer, melhor, o mundo que a rodeia. Machado (2003) citado por Ganhão, (2017) define brincar como sendo,

(...) primeira forma de cultura. A cultura é algo que pertence a todos e que nos faz participar de ideias e objetivos comuns. A cultura é o jeito de as pessoas conviverem, se expressarem, é o modo como as crianças brincam, como os adultos vivem, trabalham, fazem arte. Mesmo sem estar brincando com o que denominamos “brinquedo”, a criança brinca com a cultura (p.17).

Na mesma corrente, Borba (2007) refere que:

A infância é um período em que o ser humano está se constituindo culturalmente, a brincadeira assume importância fundamental como forma de participação social e como atividade que possibilita a apropriação, a resinificação e a reelaboração da cultura pelas crianças (p.12).

Nesta perspectiva, brincar está enraizado na cultura de cada criança e desde muito cedo, influencia a forma como cada criança brinca e explora os materiais que estão à sua volta. É fundamental que o educador/professor tenha atenção a todas as características da criança e que dê oportunidade que todas possam brincar à sua maneira.

O espaço exterior, é um ambiente favorável para que a criança brinque livremente e explore o ambiente que a rodeia no seu todo. É importante que a criança tenha acesso a todos os tipos de brincadeira e que possa brincar em todos os ambientes (interior e exterior). Assim sendo, brincar é bastante importante para o desenvolvimento da criança, e se for realizado no exterior torna-se ainda mais interessante. Este ambiente propicia às descobertas sobre o mundo que a rodeia, possibilita a exploração e contacto com a natureza e tudo o que a constitui (materiais, seres vivos, ambiente atmosférico) e, ainda, fomenta a interação entre crianças e adultos. É um momento essencial para a criança, pois potencia várias habilidades, experiências e aprendizagens que vão sendo enriquecidas quando brincam e exploram o que está à sua volta. Corroborando com Folque, Bettencourt e Ricardo (2015)

O acesso diário ao espaço exterior (munidos da roupa adequada ao tempo atmosférico) e o contacto com a natureza é um direito de todo o ser humano, bem como uma necessidade num tempo em que o afastamento entre os homens e o mundo natural tem levado à deterioração da ecologia humana (p.23).

Assim, podemos afirmar que brincar é um conceito polissémico pois existem vários significados e perspectivas diferentes de vários autores, mas todos têm em comum que brincar é fundamental e contribuiu para o desenvolvimento pessoal e social da criança.

A utilização dos espaços fora do contexto educativo, muitas vezes, é só entendida para que as crianças brinquem e que "libertem" as suas energias ou que se distraiam das tarefas realizadas na sala. Mas será que ao brincar as crianças também não estão a aprender? Será que o educador/professor não pode tirar partido do brincar das crianças? Neste sentido,

Bento e Portugal (2019), são da opinião que deve existir uma mudança na forma como os espaços exteriores e consequentemente, o brincar ao ar livre são valorizados, uma vez que

A valorização do brincar ao ar livre não se pode resumir à utilização do espaço exterior num breve período de intervalo, em que as crianças não beneficiam de estímulos ou desafios interessantes para brincar, e o adulto, predominantemente, centra a sua ação na vigilância e manutenção da segurança, importa levar a cabo processos de melhoria da oferta educativa ao ar livre, monitorizando e analisando esses mesmos processos de mudança (p.92).

A valorização do brincar ao ar livre e consequentemente, a consideração da importância do espaço exterior, permite que o educador planeie atividades que vão ao encontro das necessidades e dos gostos das crianças. O educador/professor poderá pensar em realizar as atividades fora da sala e enquadrá-las no espaço exterior, uma vez, que este espaço tem todas as potencialidades para que se realizem várias experiências de ensino e aprendizagem. Estas atividades podem passar pela lecionação de conteúdo das várias áreas e domínios do saber ou para as crianças brincarem, pois, e corroborando com Silva et al. (2016)

A observação do brincar e de situações da iniciativa das crianças é um meio de conhecer os seus interesses, um conhecimento que pode ser utilizado para o/a educador/a planear novas propostas, ou apoiar o desenvolvimento de projetos de pequenos grupos ou de todo o grupo (p.18).

No mesmo sentido, Bento e Portugal (2019) afirmam que "o brincar ao ar livre potencia diferentes formas de interação social, contacto e exploração do meio natural e atividades físicas, contribuindo assim para enriquecer e diversificar a oferta educativa" (p.93).

Assim e através do brincar e da exploração dos espaços exteriores é possível apresentar às crianças, múltiplas experiências, enriquecendo-as com vários recursos e meios, que serão mais valorizadas por elas, pois a motivação, empenho e participação serão certamente diferentes das atividades realizadas, apenas, na sala.

1.2. A importância do brincar no exterior na aprendizagem da criança

Atualmente e corroborando com Neto (2020) tem-se verificado um declínio de tempo e espaço para brincar com as crianças, seja em contexto familiar, escolar e comunitário e em especial em espaços exteriores, com isto verifica-se um aumento de desordens mentais que incluem a ansiedade, depressão sem esquecer o crescente desenvolvimento da obesidade.

Antigamente, a maioria das brincadeiras eram realizadas no exterior. As crianças eram mais autónomas e interagiam mais umas com as outras. Os adultos lembram-se das brincadeiras da sua infância, de jogar ao berlinde, à bola, à macaca ou de saltar à corda e ao eixo com os amigos. Eram tempos em que se inventavam e criavam brincadeiras para passar horas e horas com os amigos. Tudo era possível, recriavam-se jogos e materiais com o que existia no momento, por exemplo não havia balizas improvisava-se com o que estava à mão, as crianças estimulavam a sua imaginação e criatividade, eram mais livres e não havia medo nem receio de explorar o ambiente exterior. Agora, as brincadeiras de rua foram trocadas por largas horas em frente ao computador, telemóvel ou da PlayStation, o receio do exterior é cada vez maior. O espaço exterior, segundo Craveiro (2007)

(...) é um local onde as crianças podem ter experiências diferentes daquelas que ocorrem no espaço interior. O espaço exterior, muitas vezes, serve para dar continuidade aos projectos e as actividades que implicam experiências e produções de grandes tamanhos. Este espaço respeita as características naturais mantendo árvores, plantas, zonas de sombra, terreno irregular e solo uniforme. Possui, ainda, zonas com água, areia e outros materiais (p.148).

As atividades planeadas e realizadas no exterior podem trazer consequências bastante positivas no futuro das crianças, pois as memórias e as recordações que elas um dia poderão vir a ter, são a maior riqueza que levam da sua infância, quando se recordam de uma atividade ou de um momento é porque esse foi bastante importante para a criança e enriquecedor no adulto que se tornou. Corroborando com Inácio (2019) o “tempo ganho no espaço exterior em brincadeiras e aprendizagens é um momento ideal para o desenvolvimento das crianças quer seja cognitivo, emocional ou social, pois através da descoberta do ambiente (...) as crianças exteriorizam as suas emoções” (p. 44).

Uma simples atividade, como brincar no exterior, enriquece e estimula qualquer criança e, conseqüentemente, as suas aprendizagens. Essas atividades são mais valorizadas

porque a criança quando a experienciou estava a "brincar" e é essa experiência que ela levará para a vida, a sensação de liberdade e de poder explorar o que está à sua volta.

Segundo Silva et al. (2016) “muitas das aprendizagens das crianças acontecem de forma espontânea, nos diversos ambientes sociais em que vivem ...” (p.8). É no espaço exterior, tanto do ambiente educativo como do familiar que as aprendizagens acontecem, não é preciso grandes planificações para concretizar uma atividade pois o mundo exterior é rico na diversidade de instrumentos que nos dá, todo o ano a possibilidade de explorar, desenvolver e aprender neste ambiente pois tudo é diferente, tudo tem o seu tempo e a sua hora. Seja Inverno, Outono, Primavera ou Verão, quer esteja chuva, vento, sol ou neve, é possível, basta dar liberdade e tempo à criança para imaginar, criar, explorar e brincar em todos os ambientes e usufruírem do melhor que estes lhes proporcionam.

Brincar na natureza estimula a criatividade, inspira momentos de concentração, favorece os vínculos sociais, a aprendizagem torna-se mais ativa e exploradora, estimula a atividade física contribui para o desenvolvimento integral da criança, traz benefícios diretos à saúde, melhora a nutrição, desenvolve a competência e a resiliência e desperta o consumo crítico e consciente. Como salienta Brown citado em Neto (2020)

Brincar desenvolve os músculos e as habilidades sociais, fertiliza a atividade cerebral, aprofunda e regula emoções, faz-nos perder a noção do tempo, proporciona um estado de equilíbrio, ajuda a lidar com as dificuldades, aumenta a expansividade e favorece as conexões entre as pessoas. Ao brincar ativamos o lado direito do cérebro, que está ligado à criatividade, à emoção, à imaginação, à intuição e à subjetividade (p.15).

O espaço exterior é bastante importante para o desenvolvimento da criança pois segundo Silva et al. (2016) este "é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais" (p.27). Através da exploração dos espaços exteriores, a criança tem a oportunidade de explorar e de estar em contacto com diferentes materiais que dentro da sala de aula não conseguia ter, manipulando-os de uma outra forma e ter uma perspetiva diferente desses materiais que não o teriam se o educador/professor os implementasse dentro da sala.

Com os elementos da natureza podem-se trabalhar variadíssimos temas, por exemplo, os cogumelos que aparecem no jardim. A partir daí, do cogumelo, é possível trabalhar e

desenvolver muitas potencialidades na criança elaborando um projeto em que em conjunto vão respondendo a várias questões colocadas pelas crianças ou pelo educador/professor ficando a conhecer melhor a origem dos cogumelos, como aparecem, se são comestíveis, entre outras curiosidades que vão aparecendo ao longo da descoberta.

Assim, os docentes em conjunto com toda a comunidade educativa, devem promover atividades (tanto no interior como no exterior das instituições) em que a criança seja ativa na sua aprendizagem e devem dar liberdade a que esta escolha o que quer fazer e como quer fazer, sempre a auxiliando na construção das suas aprendizagens criando "um ambiente educativo em que esta dispõe de materiais diversificados que estimulam os seus interesses e curiosidade, bem como ao dar-lhe oportunidade de escolher como, com quê e com quem brincar" (Silva et al., 2016, p.11). Pois e seguindo a linha de pensamento dos autores "ao brincar, a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades" (Silva et. al, 2016, p.11).

Portanto, é extremamente importante que a criança tenha um papel ativo na construção do seu conhecimento e que lhe seja dada a oportunidade de explorar, manipular, criar, imaginar, brincar, exteriorizar e relacionar-se com tudo que está à sua volta e que faz parte do seu meio. Por isso, independentemente do espaço, é necessário e importante que a criança vivencie experiências e aprendizagens quer seja no espaço interior, quer seja no espaço exterior.

1.3. O papel do professor/educador na exploração do espaço exterior

Os docentes têm um papel crucial na integração da criança na exploração dos espaços exteriores uma vez que este tem "múltiplas funções" (Silva et al., 2016, p.27).

Através do espaço exterior é possível realizar atividades planeadas pelo educador/professor ou atividades informais, ou seja, quando de uma forma espontânea a criança pode explorar livremente o espaço exterior, brincando com os brinquedos e materiais que este contém, partilhando experiências com os outros num espaço mais livre. Qualquer que seja o tipo de atividade a realizar é importante que seja dada a importância de trabalhar algumas delas no espaço exterior do contexto educativo, permitindo à criança brincar e explorar esse espaço, pois as atividades realizadas não precisam de ser só planeadas para

serem efetuadas em sala de aula/atividades podem, também, serem efetuadas no jardim, recreio, ou na rua.

Assim, os educadores/professores têm um papel fundamental no que diz respeito às brincadeiras da criança. Estes têm um papel de interveniente, mas também, de observador, pois é observando que vamos conhecendo a criança e que sabemos o seu nível de desenvolvimento e de conhecimento. Ferreira (2010) refere que “(...) ao observarmos as crianças a brincar, podemos obter informações essenciais a seu respeito, relacionadas com a formação pessoal e social, (...), a expressão e a comunicação e o conhecimento do mundo” (p.12). Durante o processo de observação, o educador/professor consegue dar sentido às brincadeiras da criança. Vygotsky (1984) confirma que o educador deve “reconhecer o significado do brincar da criança, dar-lhe sentido e funcionalidade” (Vygotsky, 1984, como citado em Gaspar, 2010, p.9).

Contudo, é preciso ter em atenção na forma como se observa a ação da criança. O educador/professor deve observar e questionar as crianças, desde que sejam questões pertinentes e que contribuam para um feedback positivo de forma que as crianças se sintam confiantes e motivadas para continuar a explorar as suas brincadeiras. Estas, podem decorrer dentro ou fora da sala, uma vez que, o espaço exterior é, igualmente, um espaço muito rico em experiências e em vivências.

Silva et al. (2016) definem o espaço exterior como

(...) um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior. Se as atividades que se realizam habitualmente na sala também podem ter lugar no espaço exterior, este tem características e potencialidades que permitem um enriquecimento e diversificação de oportunidades educativas (p.27).

Deste modo, o educador/professor deve implementar na sua ação educativa materiais didáticos que sejam apelativos às crianças, sendo que podem proporcionar não só momentos de aprendizagens informais, como também, formais.

Todas as experiências planeadas pelos docentes, especificamente, no ambiente exterior têm um impacto significativo nas aprendizagens da criança pois, estas podem manipular objetos que não encontram na sala, assim como experienciar um ambiente diferente e mais desafiador.

Como salienta Meireles (2014)

Na natureza, as crianças são solicitadas a agir de dentro para fora, pois há apenas sugestões do que, como e por que fazer algo. Ao contrário dos brinquedos prontos, ou da televisão, que já possuem forma, função e conteúdo definidos, os elementos da natureza convidam a criança a agir ativamente no mundo, transformando a matéria a partir de sua imaginação e ação. Assim, de um tronco nasce um carrinho; de um sabugo, uma boneca; de uma folha de bananeira, uma cabana. Ao transformar a matéria-prima, a criança produz cultura (p.64).

O espaço exterior é assim um ótimo ambiente para o desenvolvimento da criança e um grande aliado para os docentes, quando utilizado de forma adequado e que vá ao encontro das necessidades de cada criança e do grupo em geral. Pois, o espaço exterior dá a oportunidade e mais liberdade à criança, para explorar, manipular, aprender e imaginar brincadeiras. É uma ótima forma, de as crianças mostrarem as suas diversas especificidades das suas personalidades que dificilmente são visíveis no espaço interior, uma vez, que ao brincar, ao ar livre, a criança sente-se mais confortável, livre e feliz.

A exploração e utilização do espaço exterior é, assim uma ótima forma de os docentes aproveitarem tudo o que este espaço dispõem, desde matérias, materiais, clima ou espaços, para (re)criar atividades e experiências de ensino e aprendizagem que cativem e motivem as crianças para aprenderem mais sobre si e sobre o mundo que as rodeia, tendo estes um papel fundamental e importantíssimo na promoção e aproveitamento destes espaços.

1.4. A influência das manifestações climatéricas

As manifestações climatéricas são um dos fatores que impedem a exploração do espaço exterior. No inverno ou nos dias mais frios e chuvosos é quase expectável que as crianças não usufruam destes espaços, mas será que as condições climáticas são uma justificação para que as crianças não possam usufruir do exterior do contexto educativo. Na opinião de Rodrigues (2019)

(...) não existe propriamente nenhuma justificação para as crianças não poderem brincar no exterior e terem que ficar fechadas em casa nos meses de Inverno. Isso limita a sua liberdade e desenvolvimento, porque do ponto de vista motor têm muito menos opções, pelo que o ideal é mesmo que brinquem fora de casa e continuem a explorar todas as suas capacidades.¹

Ao brincar no exterior independentemente das condições ambientais que se façam sentir, a criança aprende, desenvolve-se, brinca, questiona e cria memórias que futuramente poderão trazer saudades. É extremamente importante que a criança utilize o exterior quer seja verão ou inverno, todos os momentos são bons para ela aprender pois o que floresce na primavera não é o mesmo que ocorre nas outras estações e vice-versa. O contacto com elementos de todas as estações faz com que a criança aprenda um pouco de tudo, como surge, o porquê de acontecer agora e não mais tarde, os elementos são diferentes, mas todos eles fazem parte do meio onde a criança aprende, desenvolve e cria relações. Por isso é importante que a criança tenha contacto com tudo o que está à sua volta pois assim aprende e brinca ao mesmo tempo.

Os educadores/professores, em qualquer estação do ano, não devem ter receio de criar atividades no exterior pois é importante dar liberdade para que as crianças criem bases que as transformarão em adultos responsáveis, saudáveis e felizes. Assim, todos os momentos e todas as condições climatéricas são sempre uma boa altura para que as crianças brinquem e explorem o exterior, não devendo ser um obstáculo e impedimento para que algumas atividades de ensino-aprendizagem sejam realizadas no espaço exterior. É de salientar que as crianças devem ir com um vestuário adequado às condições climatéricas sempre que se deslocarem para o exterior.

1.5. O brincar em tempos de pandemia

A criança ao brincar desenvolve várias competências importantes para a sua formação pessoal e profissional. O brincar permite que a criança imagine, crie, ganhe autonomia, aprenda a partilhar e a ter respeito pelos outros. Atualmente, assistimos a uma

¹ (<https://pediatriaparatodos.com/2019/12/15/pode-se-brincar-no-exterior-no-inverno/>)

crise, de uma pandemia (Covid-19) inesperada que veio alterar a forma como todos vivemos. De um dia para outro, as crianças foram para casa e ficaram impedidas de socializar com os seus amigos, de brincar com outras crianças, ficaram longe do contacto com a natureza e dos espaços exteriores.

Mas, se pensarmos bem não foi só a pandemia provocada pelo Covid-19 que impediu as crianças de brincarem, as novas tecnologias ganham cada vez mais peso, sobrepondo-se ao brincar ao ar livre. A criança, dos dias de hoje, brinca sozinha e de forma diferente, o tempo da exploração na natureza e de todos os objetos que a constitui é cada vez mais escasso e quando existe é pouco duradouro. Na opinião de Neto e Lopes (2017)

As crianças de hoje também brincam, mas brincam de forma diferente. O aparecimento de novas tecnologias, a institucionalização dos tempos livres, a falta de contacto com a natureza, a inexistência de espaço livre para brincar, a diminuição de autonomia de mobilidade, a densidade de tráfego, são alguns dos constrangimentos atuais que impedem as crianças de terem acesso ao jogo livre (p. 11).

A pandemia veio alterar a nossa rotina, mas devíamos pensar se não está na hora de permitir à criança brincar mais e melhor, dar a liberdade para que esta se exteriorize, crie, imagine, fantaseie brincadeiras e que socialize com tudo o que está à sua volta e que faça parte do meio em que está envolvida, é altura de “libertar as crianças” (Neto, 2020).

Ao brincar a criança liberta as suas frustrações e, numa altura em que está fechada em casa, é importante que esta o possa fazer, contribuindo para a sua saúde mental porque as consequências desta pandemia e do impedimento em brincar e explorar não vão ser sentidas agora, vão se fazer sentir no futuro de cada criança que viveu e cresceu no meio de uma azáfama causada por um vírus invisível a olho humano. Corroborando com Neto (2020) para termos crianças saudáveis, estas precisam de brincar e ser ativas no seu dia a dia.

Por esse motivo, é importante criar oportunidades para que as crianças libertem as suas energias acumuladas e explorem todos os espaços à sua volta e que, fundamentalmente, lhes seja dado o tempo, que necessitam, para que o possam socializar e a reforçar as suas amizades.

1.6. O espaço exterior nos documentos oficiais (OCEPE e Programa do Estudo do Meio no 1.º CEB)

Como já referido anteriormente, o espaço exterior é um elemento fundamental e importantíssimo em todas as instituições, mas nem sempre é utilizado e aproveitado para a realização de EEA, acontecendo estas, frequentemente, dentro da sala de atividades/aula. Muitas vezes, a pouca utilização dos espaços exteriores pode advir das condições climatéricas, das condições de segurança dos próprios espaços inerentes à própria instituição.

O espaço exterior, é um espaço que privilegia o contacto direto das crianças com a natureza e tudo o que a envolve, ajuda no desenvolvimento de aspetos importantes para a criança, como a curiosidade, a imaginação, o contacto com tudo o que a rodeia e as relações com os outros. Através da exploração do espaço exterior é possível alargar o conhecimento das crianças e promover aprendizagens nas mais diversas áreas de conteúdo e nos seus respetivos domínios e subdomínios.

Analisando, alguns dos documentos oficiais, nomeadamente as OCEPE e o programa do 1.º CEB, especificamente o da disciplina de Estudo do Meio, verifica-se que existe uma valorização do espaço exterior por parte de ambos os documentos.

Relativamente, às OCEPE, as autoras consideram este espaço como sendo uma área importante do espaço educativo, cheio de potencialidades educativas, em que merece a mesma atenção que é atribuída ao espaço interior, pelos docentes e pela instituição (Silva et al., 2016, p. 27). O espaço exterior é tão rico como o espaço interior e está cheio de potencialidades e recursos que estão à disposição das crianças de uma forma bastante acessível.

As OCEPE contemplam três áreas de conteúdo e em todas elas fazem referência ao espaço exterior. A área de Formação Pessoal e Social, é uma área considerada transversal “porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, está presente em todo o trabalho educativo realizados no jardim de infância.” (Silva et. al, 2016, p.33). Assim o espaço exterior tem um papel importante pois proporciona “também múltiplas oportunidades de apreciar a beleza noutros contextos e situações, contactos com a natureza, paisagem e com a cultura, que favorecem o desenvolvimento estético” (Silva et al., 2016, p. 33). Na área de Expressão e Comunicação, relativamente no domínio da Educação Física, o desenvolvimento desta para além de se realizar em espaços fechados, como ginásios, pavilhões ou salas de aula, pode igualmente ser realizada “no espaço exterior (recreio,

parques infantis, matas, etc.) ...” (Silva et al., 2016, p. 44). No que diz respeito ao domínio da Educação Artística, este diz que o “o espaço exterior do jardim de infância pode ser utilizado para a realização de atividades de educação artística, bem como para a recolha de elementos naturais, a integrar nestas atividades” (p. 48).

Na terceira e última área de conteúdo, a área do Conhecimento do Mundo, a referência ao espaço exterior é notória, uma vez que a abordagem a este domínio, segundo Silva et al. (2016) desenvolve

(...) atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura (...). As crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais. Nestas suas explorações, vão percebendo a interdependência entre as pessoas e entre estas e o ambiente (p.85).

Na componente organizadora das aprendizagens a promover na área do Conhecimento do Mundo, a Abordagem às Ciências, nomeadamente no tópico Conhecimento do mundo físico e natural, o espaço exterior é referenciado, mais uma vez, como um espaço importante para a criança, permitindo experiências diversificadas e diferentes das realizadas dentro da sala de atividades/aulas, promovendo uma consciencialização e sensibilização, nomeadamente, pela preservação do ambiente e recursos naturais, uma vez e corroborando com Silva et al. (2016)

O contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem. Este conhecimento poderá promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância do papel de cada um na preservação do ambiente e dos recursos naturais (p. 90).

Também no 1.º CEB, mais concretamente no programa da disciplina Estudo do Meio, o espaço exterior é também valorizado, pois um dos conteúdos mais evidentes neste programa é a Natureza e tudo o que ela engloba, exemplo disse é o bloco 3 – À descoberta do ambiente natural e o bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade. Os princípios orientadores do Programa de Estudo do Meio referenciam que

(...) será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apreendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos (ME-DGE, 2004, p.102).

Um outro aspeto que é destacado é o confronto da criança com os problemas do meio que está inserido em que permite às crianças adquirirem “a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca” (ME-DGE, 2004, p.102).

Será, assim, através da descoberta, da exploração e do conhecimento da sua comunidade e do mundo exterior inerente às instituições de ensino, que as crianças vão desenvolvendo e adquirindo conhecimentos, capacidades e atitudes positivas para o seu desenvolvimento como cidadãos do mundo. Por esse motivo, é importante que o educador/professor integrem o espaço exterior nas suas EEA, pois este espaço é rico na descoberta, na exploração e manipulação de materiais que não se encontram dentro da sala, pelo menos na sua forma natural. Para além que contribuem para que os docentes trabalhem e desenvolvam atividades diferentes das que desenvolvem dentro da sala de aula envolvendo, também, as várias áreas e domínios do saber.

2. Enquadramento metodológico

No presente ponto, apresenta-se as opções metodológicas que orientaram toda parte investigativa do presente relatório. A prática investigativa é bastante importante e fundamental para entendermos e conhecer melhor toda a dinâmica dos contextos onde se realizou a PES, contribuindo positivamente para guiar toda a investigação e para no final podermos dar resposta aos objetivos e questão-problema formulados, uma vez e corroborando com Ponte (2002)

a investigação é um processo privilegiado de construção do conhecimento. A investigação sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma actividade e grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem ativamente (p.6).

Como já referenciado anteriormente, o foco principal deste relatório é perceber de que forma o espaço exterior é importante para as aprendizagens das crianças, compreendendo quais os aspetos positivos na sua utilização e exploração, saber até que pontos os docentes utilizam estes espaços nas suas planificações, qual a opinião dos encarregados de educação e educadores/professores e fundamentalmente, conhecer a opinião das crianças sobre a utilização do exterior nas suas brincadeiras e aprendizagens. Este estudo realizou-se no decorrer da PES, em dois contextos diferentes: a EPE com um grupo de 25 crianças com três anos de idade e no 1.º CEB numa turma do 1.º ano de escolaridade com um grupo de 23 crianças com idades de seis e sete anos.

A investigação do presente relatório centrou-se numa investigação de natureza qualitativa, em que os instrumentos e recolha de dados aconteceram, essencialmente, através da observação, registos fotográficos, notas de campo e inquéritos por questionários.

Deste modo, neste ponto, será apresentado a questão problema e os objetivos definidos para a investigação. E, também, são expostos os instrumentos e técnicas de recolha de dados que sustentam a prática investigativa realizada e que contribuiram para dar respostas aos objetivos estabelecidos e, conseqüentemente, dar resposta à questão problema elaborada e que suporta todo relatório.

2.1. Questão problema e objetivos

O interesse por este tema surgiu para fazer face a algumas dúvidas que tínhamos sobre a problemática em estudo. E numa altura em que se aborda cada vez mais a importância de “libertar as crianças” e optar pela utilização dos espaços exteriores, é interesse perceber de que forma os espaços exteriores e o brincar ao ar livre contribuem positivamente, para a construção do conhecimento das crianças e das suas aprendizagens, pois são muitas as atividades que se poderão realizar nestes espaços, em que as crianças têm um papel ativo na concretização das suas aprendizagens, estando mais motivadas e prontas a explorar tudo o que estes espaços disponibilizam, mesmo que seja a brincar, pois a brincar também se aprende.

As instituições educativas têm um papel fundamental na utilização dos espaços exteriores, pois estas têm como objetivo principal o desenvolvimento holístico das crianças, contendo espaços interiores e exteriores de qualidade, propícios a aprendizagens de qualidade e significativas, uma vez e como se salienta nas OCEPE (Silva et al., 2016), a apropriação dos espaços por parte das crianças “dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa” (p.26).

O tempo que as crianças passam nestes espaços e as atividades que neles realizam, em especial no exterior, são também foco essencial na elaboração deste relatório. Com o aparecimento da pandemia provocada pelo Coronavírus Sars Cov 2, veio colocar em causa estas vivências, e a agravar esta situação, com o estudo em casa e o confinamento obrigatório a que todos fomos sujeitos. Por isso, pretende-se saber que atividades realizam as crianças no espaço exterior das instituições onde se realizou a PES e o tempo que elas dispõem para o utilizarem.

Um outro ponto, que se pretende dar resposta nesta investigação, incide em saber a opinião dos encarregados de educação e dos educadores/professores sobre a importância que dão ao espaço exterior e de que forma as manifestações climatéricas influenciam na utilização do mesmo. Tal como refere Bilton et al. (2017) “Conhecer a Natureza também pressupõe saber apreciar as suas diferentes manifestações climatéricas. Reconhecer a importância de um dia de chuva e aproveitar o calor do sol são dimensões significativas, que despertam sensações e sentimentos únicos” (p.40).

O presente trabalho de investigação centra-se, na importância de as crianças brincarem ao ar livre tendo surgido a seguinte questão-problema: *De que forma a utilização dos espaços exteriores influenciam nas aprendizagens das crianças?*

Como tal, e para dar resposta à nossa investigação e conseqüentemente, à questão-problema formulada traçamos os seguintes objetivos:

- Compreender e avaliar a organização dos espaços interiores e exteriores das instituições da PES e as ações pedagógicas que neles se desenvolvem;
- Aumentar o número de atividades realizadas no exterior da Instituição;
- Estimular e promover a exploração dos elementos que constituem a natureza;
- Criar atividades/materiais que promovam o brincar e o aprender no exterior;
- Promover a aprendizagem ao ar livre;
- Conhecer a opinião dos encarregados de educação e dos professores/educadores sobre a exploração dos espaços exteriores.

2.2. Natureza de investigação e instrumentos de recolha de dados

A opção metodológica deste estudo integra uma abordagem investigativa de natureza qualitativa.

"A pesquisa qualitativa tende a colocar questões utilizando "o quê", "como" e "porquê", e a analisar as respostas no contexto da vida quotidiana e dos significados e explicações atribuídas por cada indivíduo ao fenómeno estudado" (Pinto, Campos & Siqueira, 2018). Assim sendo, para a recolha de dados foram utilizadas técnicas com base na observação direta e participante e em inquérito por questionários. Todas estas técnicas serão complementadas por instrumentos de recolha de dados como as notas de campo e registos fotográficos.

Todos estes instrumentos constituem uma panóplia de informação que nos ajudaram na constituição do presente relatório e conseqüentemente na resposta à questão-problema, uma vez que estes instrumentos irão traduzir todos os dados recolhidos na prática de ensino supervisionada, registando as reações, opiniões e comportamentos das crianças face às atividades e desafio que colocaremos de modo, a que no final seja possível dar resposta aos objetivos elencados anteriormente.

2.2.1. Observação

A observação foi um dos grandes instrumentos de recolha de dados uma vez, e seguindo a opinião de Aires (2015) a "observação consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto directo com situações específicas" (pp. 24-25). Assim, e através desta técnica foi possível descrever as reações e os comportamentos das crianças às atividades planeadas, sendo que todas as observações foram registadas nas notas de campo.

2.2.2. Notas de campo

As notas de campo, contém as opiniões e as reações das crianças sobre as atividades, assim como as verbalizações que elas vão manifestando no decorrer das EEA. Esta técnica é bastante útil, pois recorremos a essas notas para recordar o que foi dito pelas crianças. É de salientar, que para efeitos de salvaguardar a identidade das crianças, os nomes apresentados ao longo do relatório não correspondem à realidade.

2.2.3. Registos fotográficos

Os registos fotográficos foi outra técnica utilizada e um grande suporte à investigação, pois traduz em formato digital as produções das crianças (desenhos, pinturas, construções) relativas às atividades propostas, assim como observações efetuadas nos contextos, como a organização dos espaços exteriores e os materiais que estes possam possuir que auxiliam as “brincadeiras” e aprendizagens das crianças quando exploraram este espaço, pois e segundo Traqueira, Pacheco e Tavira (2021) os registos fotográficos “podem converter em dados fiáveis no desenvolvimento do projeto de investigação” (p.45).

2.2.4. Grelhas de observação

Para facilitar a organização da informação recolhida e observada, utilizou-se grelhas de observação, que foram muito úteis e ajudaram a organizar toda a informação recolhida que se pretendia analisar para formular mais detalhadamente as conclusões sobre o tema a

investigar. Com as grelhas de observação foi possível registrar os comportamentos e reações observadas às propostas de atividades que apresentámos ao longo das intervenções, registando as opiniões das crianças, como por exemplo, se gostaram de realizar atividades no espaço exterior da instituição.

2.2.5. Inquérito por questionário

Para saber a opinião das crianças, dos educadores/professores e encarregados de educação, foi implementado inquéritos por questionário aos encarregados de educação das crianças da EPE e à turma de crianças do 1.º CEB. De modo a ficarmos a conhecer qual a opinião dos intervenientes sobre o brincar ao ar livre e qual a sua importância para as aprendizagens das crianças, pois este instrumento de recolha de dados “permite auscultar um número significativo de sujeitos face a um determinado fenómeno social pela possibilidade de quantificar os dados obtidos e de se proceder a inferências e a generalizações” (Batista, Rodrigues, Moreira & Silva, 2021, pp.14/15).

3. Caracterização dos contextos educativos

Neste ponto, apresenta-se a descrição do contexto educativo onde se realizou a PES, no âmbito da EPE e do 1.º CEB.

Com a realização da PES, tivemos a oportunidade de observar, cooperar e planificar várias EEA em dois contextos diferentes. Ao longo da nossa passagem por estes dois contextos ficamos com uma melhor perceção de como está organizada a instituição de ensino, como funciona a rotina diária, a caracterização do grupo de crianças com quem trabalhamos e desenvolvemos a parte investigativa. Assim, e como a instituição onde decorreu a PES nos dois contextos foi a mesma, num primeiro subtópico do presente ponto, apresentamos a caracterização da instituição e num segundo e terceiro ponto exibiremos a caracterização do grupo/turma e do espaço da EPE e do 1.º CEB, respetivamente.

É de salientar, que todos os dados apresentados de seguida foram recolhidos junto das docentes cooperantes, da informação disponibilizada pela instituição e pelas observações efetuadas aquando da nossa presença nos referidos contextos.

3.1. Caracterização da Instituição

A ação educativa que desenvolvemos no decorrer da PES, aconteceu numa instituição situada numa zona residencial de Bragança em que está integrada na rede de escolas públicas portuguesas, ministrando a Educação Pré-Escolar (EPE) e o 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB).

Esta Instituição encontra-se licenciada para uma frequência de 370 crianças, com idades de três a onze anos. É composta por 20 salas para as componentes letivas, das quais, 11 pertencem aos 1º CEB, 4 à EPE, 1 para a componente de apoio à família e 4 salas de expressão plástica destinadas ao 1.º CEB. Existe também um salão polivalente que é utilizado para o prolongamento das Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF) da EPE. Neste salão existe uma televisão, um leitor de DVDs e CDs, duas casas e bolas saltitonas. Para além destes espaços há também um refeitório, uma biblioteca, uma sala de reuniões, uma sala para o pessoal docente e outra para o pessoal não docente, uma sala de coordenação, uma sala de atendimento aos encarregados de educação, três salas de recursos e uma sala de cuidados médicos.

A EPE funciona do lado direito do edifício, é composto por quatro salas, duas de cada lado do corredor, um salão polivalente, duas casas de banho sendo uma para meninos e outra para meninas e um gabinete médico. Na parte inferior do edifício existe o refeitório onde as crianças lancham e almoçam. Este refeitório é também utilizado pelo 1ºCEB. Por outro lado, o 1ºCEB funciona do lado esquerdo do edifício, é composto por 11 salas e casas de banho, sendo que 5 salas são na parte superior e as outras 6 na parte inferior.

O exterior da Instituição é composto por um recinto fechado polidesportivo onde as crianças praticam futebol, basquetebol e andebol, dois espaços relvados, dois espaços pavimentados com parque infantil, um para EPE e outro para o 1.º CEB e há um parque de estacionamento com 32 lugares destinados, exclusivamente, aos professores, funcionários e demais recursos humanos afetos à escola. A Instituição oferece ainda uma imensa zona verde com relva a toda à volta, onde as crianças têm um amplo espaço para brincarem e usufruírem dele. O parque infantil da EPE é composto por um escorrega, dois baloiços de mola e ainda jogos tradicionais como o jogo da macaca. É importante salientar que o piso deste parque é constituído por placas de borracha, de modo que as quedas não sejam tão dolorosas. Já o espaço pavimentado com parque infantil para o 1.º CEB é composto por um escorrega e vários jogos desenhados no chão.

No que diz respeito ao horário de funcionamento da Instituição, nomeadamente da EPE, era entre as 8:00h e as 19:00h, incluindo as componentes letivas que decorre das 9:00h às 12:00h da parte da manhã, e das 14:00h às 16:00h da parte da tarde, num total de 5 horas letivas diárias. As Atividades de Animação e Apoio à Família funcionam das 8:00h às 9:00h, das 12:00h às 14:00h e das 16:00h às 19:00h de modo a dar resposta às necessidades das famílias. Não é permitida a entrada na Instituição a partir das 09:30h a não ser por aviso prévio para não perturbarem o normal funcionamento das atividades. Os educadores de infância têm um horário para atendimento aos pais que decorre às segundas e terças-feiras das 16:00h às 17:00h, mas este atendimento tem de ser marcado previamente. Por outro lado, e no que diz respeito ao horário de funcionamento do 1.º CEB, este estava compreendido entre as 8:00h e as 19:00h. A componente letiva iniciava-se às 9:00h terminando o período da manhã às 12:00, o período da tarde começava às 14:00h terminando a componente letiva às 16:00h. As atividades de Enriquecimento Curricular tinham início às 16:30h terminando às 17:30h, de seguida tinha início a Componente de Apoio à Família finalizando-se às 19:00h.

3.2. Caracterização do contexto educativo de Educação Pré-Escolar

3.2.1. Caracterização do grupo

O grupo de crianças com o qual trabalhamos em contexto de EPE era constituído por 23 crianças com 3 anos de idade. Assim, e de acordo com o gráfico (ver figura 1), havia 9 crianças do género masculino e 14 do género feminino.

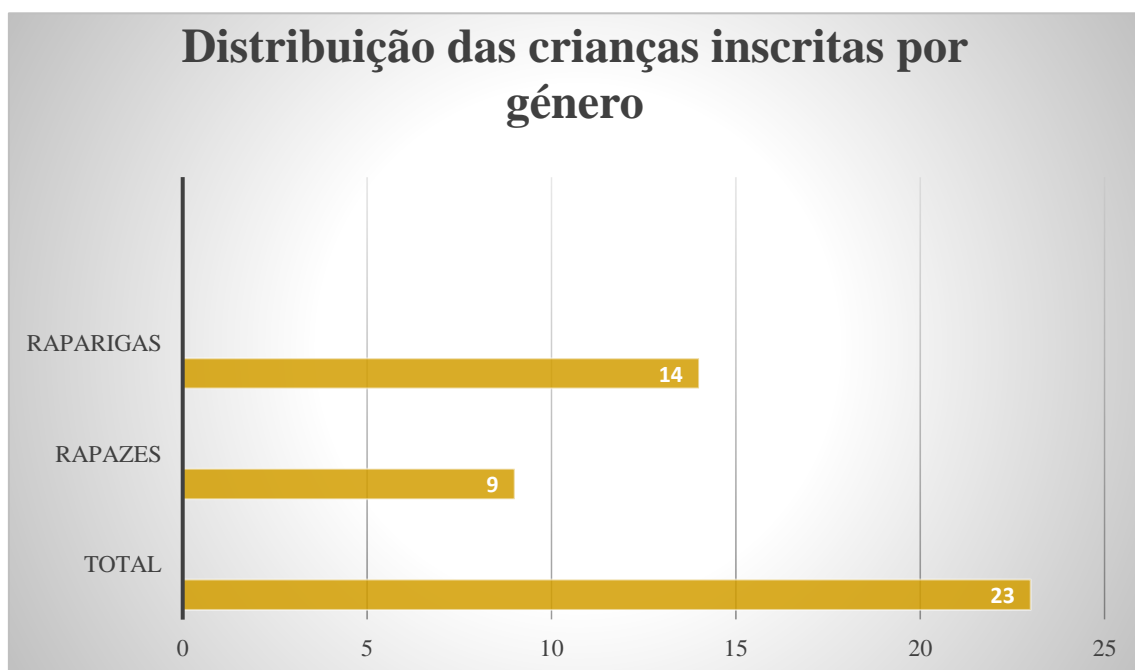


Figura 1- Gráfico da distribuição das crianças inscritas por género no contexto da EPE

Devido a toda a situação que estamos a viver provocada pela pandemia do Coronavírus SARS-COV 2, apenas 19 crianças frequentaram a sala, sendo 13 do género feminino e 6 do género masculino, como se vê verificar na figura 2.

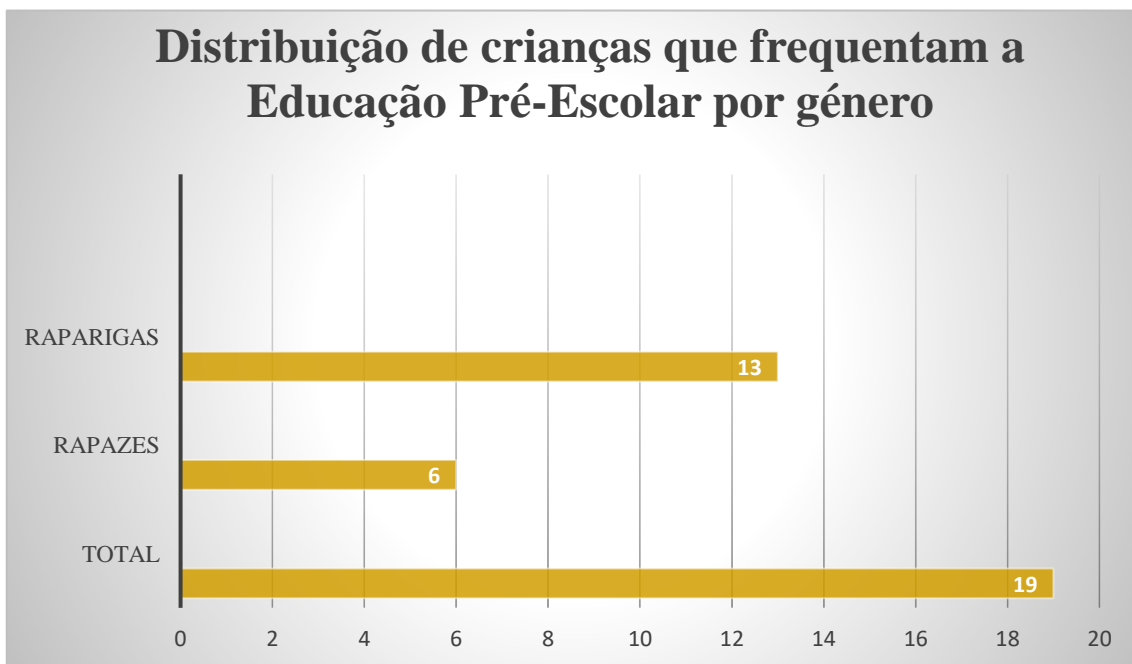


Figura 2- Gráfico da distribuição das crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar por género

Tendo em conta as Atividades de Animação de Apoio às Famílias (AAAF), apresentamos no gráfico (ver figura 3) o número de crianças que utilizam este prolongamento. Sendo o período da manhã das 8:00h às 9:00h, o almoço das 12:00h às 14:00h e o período da tarde das 16:00h às 19:00h.

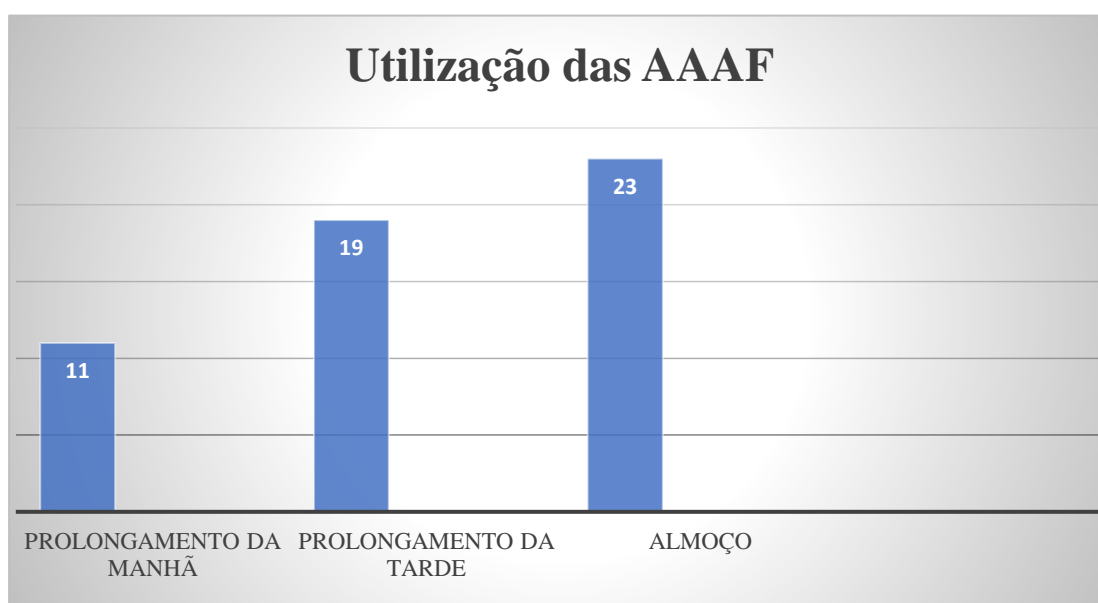


Figura 3- Gráfico da utilização das AAAF

3.2.2. Caracterização do espaço

A sala da EPE situa-se do lado direito do corredor, tem aquecimento central e tem uma boa iluminação natural, pois tem janelas do lado direito de uma ponta à outra. Esta sala tem também um computador, um quadro interativo, um quadro branco, um lavatório e as áreas de trabalho.

Esta sala estava organizada em 6 áreas, sendo elas:

- A **área da casa**: nesta área podiam brincar 4 crianças de cada vez. Existia uma mesa, cadeiras, duas camas de tamanho reduzido, móveis, uma banca, uma tábua de passar roupa a ferro, um ferro de passar de brincar, panelas, pratos, alimentos variados, talheres e um guarda-vestidos, tudo com o tamanho indicado para as crianças conseguirem aceder facilmente.
- A **área da garagem**: esta área tinha vários carrinhos e legos. O chão estava coberto com alcatifa de modo a que as crianças brincassem no chão livremente. Nesta área podiam brincar 3 crianças.
- A **área da plástica**: a área da plástica tinha um conjunto de mesas onde cabiam 7 crianças. Aqui podiam brincar com plasticina, pintar, colar, desenhar e pintar. Cada criança tinha uma caixa com o seu nome e a sua fotografia que continha os seus lápis de cor.
- A **área dos jogos**: nesta área podiam brincar 6 crianças de cada vez. Para brincarem tinham puzzles, o jogo do dominó, o jogo das cores, entre outros.
- A **área das construções**: nas construções podiam brincar 3 crianças e tinham legos, animais e outros objetos para construções.
- A **área da biblioteca**: a biblioteca tinha uma estante com livros de diversos temas para as crianças explorarem. Nesta área podiam estar 4 crianças.

As áreas mais apreciadas pelas crianças eram a área da cozinha e a área das construções, sendo a menos apreciada a área da biblioteca conforme pudemos constatar pelas observações e registos efetuados.

É de salientar que o número indicado de crianças a brincar em cada área foi decidido entre as crianças e a Educadora Cooperante.

A zona de acolhimento acontecia numa extremidade da sala, onde as crianças se sentavam na “borracha”, esta “borracha” era uma espécie de plástico duro com a forma redonda onde constava um desenho e o nome da criança, ajudando a orientá-las para saber

onde se sentar. Este era um espaço reservado para a partilha, para o início das atividades e também para reflexões em grupo.

É de salientar que devido à pandemia SARS-COV2 existiam materiais que não estavam disponíveis para se utilizarem devido à dificuldade da sua higienização.

A rotina diária deve ter uma sequência de momentos, ou seja, tem de haver momentos individuais e momentos em grupo, sendo que temos de ter sempre em conta a faixa etária e o desenvolvimento da criança. Assim, na rotina diária tem de haver tempo para cantar os bons dias, tempo para marcar as presenças, tempo para planejar, tempo para as atividades e tempo para arrumar. Na nossa opinião é também uma forma de a criança identificar a organização do tempo, o que é bastante importante para o seu desenvolvimento, ou seja, a rotina é uma combinação de tempos organizados para proporcionar oportunidades de exploração às crianças.

Tabela 1- Rotina diária das crianças

Período	Tempo	Descrição
Manhã	09:00h às 09:30h	Acolhimento: neste tempo as crianças vinham para a sala, marcavam a presença, registavam o tempo, conversavam e cantavam a canção dos bons dias.
	09:30h às 09:50h	Atividades em grande grupo: Neste tempo a educadora perguntava às crianças o que gostariam de fazer, lembrava o que tinha feito anteriormente e dava início ou continuação à atividade.
	09:50h às 10:00h	Higiene pessoal.
	10:00h às 10:30h	Lanche da manhã. As crianças pegavam nas lancheiras, desciam para o refeitório e lanchavam.

	10:30h às 11:00h	Tempo de recreio. Neste tempo as crianças vinham do refeitório e ficavam a brincar no salão polivalente.
	11:00h às 11:20h	As crianças regressavam do salão e davam continuação à atividade. Caso não desse tempo iam brincar para as áreas.
	11:20h às 11:30h	Higiene pessoal.
	11:30h às 12:00h	Almoço. As crianças desciam, comiam a sopa, o prato principal e a seguir a sobremesa. Quando todos já tivessem terminado, subiam e iam brincar para o salão polivalente.
	12:00h às 14:00h	Tempo de recreio: as crianças ficavam a brincar no salão polivalente ou, se o tempo permitisse, iam brincar para o exterior.
Tarde	14:00h às 14:10h	Higiene pessoal.
	14:10h às 15:20h	Atividades em pequeno grupo: as crianças iam brincar para as áreas e a educadora ficava a terminar as atividades com 2 crianças e quando terminasse chamava as restantes.
	15:20h às 15:30h	Higiene pessoal.
	15:30h às 16:00h	Lanche da tarde. As crianças pegavam nas lancheiras, desciam para o refeitório e lanchavam. No fim, subiam, pousavam as lancheiras, retiravam as batas e iam brincar para o salão polivalente.

Tal como se pode verificar na tabela anterior, as crianças estavam na sala de atividades entre as 9h e as 16h. Durante este tempo as crianças faziam diversas atividades, brincavam, conviviam, cantavam, partilhavam ideias e emoções e partilhavam vivências.

À segunda-feira as crianças tinham aula de música com um professor do Agrupamento de Escolas.

3.3. Caracterização do contexto educativo do 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.3.1. Caracterização do grupo

O grupo de crianças com o qual desenvolvemos a prática de ensino supervisionada era constituído por 23 crianças com 6/7 anos de idade, sendo 10 crianças do género masculino e 13 do género feminino. Como ilustra o gráfico a seguir (ver figura 4). É de salientar que destas 23 crianças, 3 tinham apoio especializado.

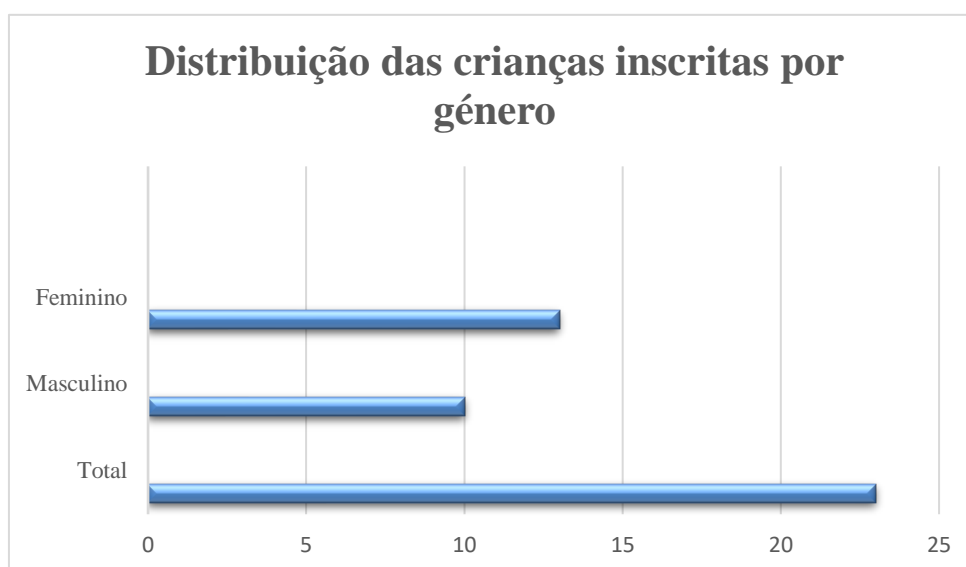


Figura 4- Gráfico da distribuição das crianças inscritas por género

O grupo de uma maneira geral era muito trabalhador, as crianças eram interativas, participativas e tinham espírito de entreajuda, pois, havia crianças que terminavam as tarefas rapidamente e ofereciam-se de imediato para ajudar os restantes colegas. No entanto havia

também crianças que requeriam mais um pouco de atenção para terminar as tarefas e distraíam-se facilmente, o que na nossa opinião é normal pois eramos 3 professoras dentro da sala e cada um tentava chamar atenção pois são crianças de 1.º ano e ainda requerem muito apoio.

3.3.2. Caracterização do espaço

A sala de aula deve ser um espaço acolhedor e confortável para que as aprendizagens das crianças sejam boas, pois é na sala de aula que passam a grande parte do seu tempo e o ambiente é sem dúvida uma das componentes mais importantes na aprendizagem.

A organização da sala de aula sofreu alterações devido à pandemia que estamos a atravessar sendo que neste momento as mesas e as cadeiras estavam em filas tal como se pode observar na planta da sala que vem a seguir.

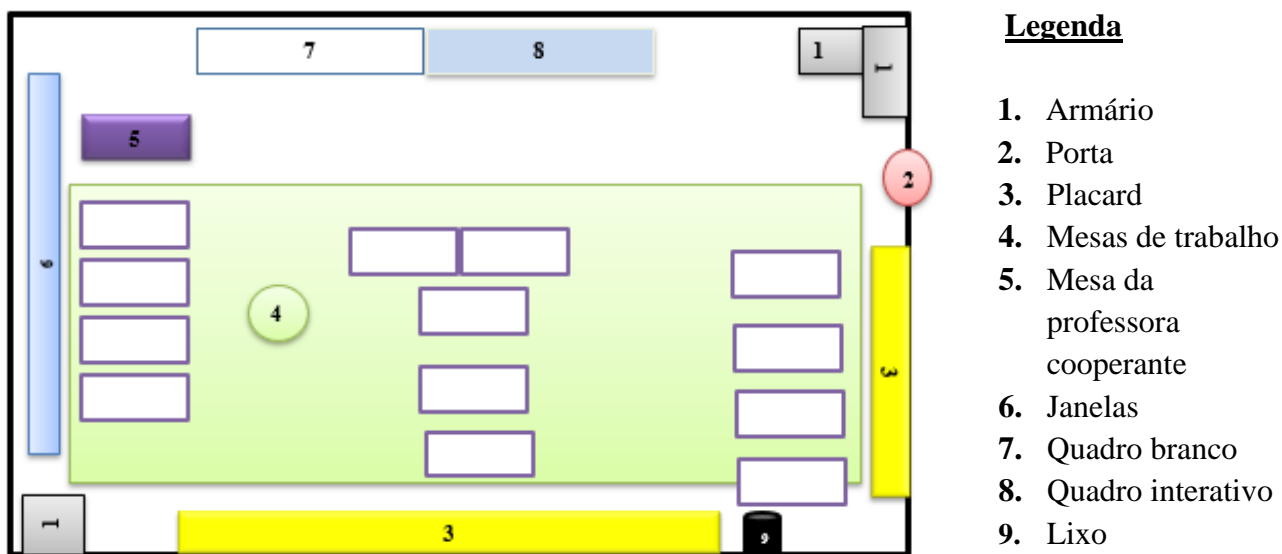


Figura 5 – Planta da sala de aula (Fonte Própria)

Em cima das mesas, cada criança tinha uma caixa identificada com todo o material escolar, sendo que o material era retirado quando chegassem à sala de aula e colocado novamente na caixa no final do dia.

Na sala de aula existiam também vários materiais como blocos lógicos, papel colorido, tintas, cartolinas, pinças, entre outros para serem utilizados ao longo das atividades letivas.

No lado esquerdo da sala existem janelas de uma ponta à outra e no parapeito estavam alguns trabalhos manuais elaborados pelas crianças e também algumas plantações que fizeram. No lado direito existia um placard onde estavam colocadas as letras do alfabeto que aprenderam e alguns trabalhos das crianças. À frente existe um quadro branco, um quadro interativo e a mesa de trabalho da professora onde havia um computador que estava ligado ao quadro interativo. Havia também um calendário com os aniversários das crianças e um armário com as suas almofadas para utilizarem quando vão sair ou quando vão fazer alguma atividade na rua. No fundo da sala tem um armário com diversos materiais e uma mesa de trabalho onde por norma estava a professora de apoio. Normalmente quando alguma criança estava com mais dificuldade em algum exercício é para lá que vai para estar com a professora de apoio.

Tendo em conta a organização do tempo, este estava dividido por várias áreas tal como se pode verificar na tabela 2, de modo que as crianças tivessem uma rotina bem planeada.

Tabela 2- Horário da turma do 1.ºCEB

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09:00h	Português	Matemática	Português	EAFM	Português
10:30h				Matemática	
10:35h	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
11:05h	Matemática	Português	Português	Matemática	Matemática
12:35h			Matemática	Português	
14:00h	LBTE (Biblioteca)	Classe Conjunta*	Apoio ao Estudo	Estudo do Meio	Educação Artística
14:45h			Educação Artística	Estudo do Meio	Educação Física

16:00h					
16:00h	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
16:30h					
16:30h	Inglês	Atividade Física	Expressão Plástica	Atividade Física	Música
17:30h					

*Para alunos do articulado de música.

Tal como se pode verificar na tabela anterior, as crianças estavam na sala de aula desde as 09:00h até às 16:00h/17:30h. À Terça-feira as crianças que estavam no articulado de música estavam na sala de aula com os professores de música e as restantes com a professora de apoio. Neste dia a professora titular não estava da parte da tarde. Este horário poderia sofrer alterações de acordo com o decorrer das atividades ao longo do dia, pois nem sempre conseguíamos fazer tudo da parte da manhã por exemplo.

4. Apresentação das experiências de ensino e aprendizagem realizadas nos contextos da Prática de Ensino Supervisionada

Neste ponto, apresentamos de forma mais pormenorizada seis EEA realizadas nos dois contextos onde ocorreu a PES. As seis atividades apresentadas neste ponto, três referentes à EPE e as restantes três ao 1.º CEB, foram escolhidas por acharmos que mais incidem na problemática investigativa e também por serem exemplificativas do que foi a nossa PES. São atividades planeadas em que o uso do espaço exterior e dos materiais que nele existem (por exemplo, as folhas das árvores) serem objeto das atividades planeadas ou a utilização do espaço exterior como ambiente da realização de várias atividades como a realização do mercado ou a plantação de uma árvore.

Sempre foi nosso objetivo, procurar trabalhar e ir ao encontro das necessidades, características e interesses de cada criança, tendo sempre em atenção o feedback que estas nos transmitiam ao longo das atividades apresentadas, assim como tendo em consideração que todas as áreas de conteúdo fossem trabalhadas e desenvolvidas. Ao longo da planificação das atividades e aulas auxiliamo-nos nos vários documentos oficiais disponíveis online como: as OCEPE e os Programas e Metas Curriculares do 1.º CEB das várias disciplinas.

Assim, começamos por apresentar três EEA realizadas na EPE e por fim, serão apresentadas três EEA planeadas e executadas no 1.º CEB. É de salientar, que as descrições das atividades serão acompanhadas por notas de campo e por registos fotográficos obtidos durante a intervenção nos vários contextos.

4.1. Experiências de ensino e aprendizagem em Educação Pré-Escolar

4.1.1. “O outono”

A primeira EEA que descrevemos aconteceu na primeira semana de intervenção no contexto de EPE. Quando realizamos esta primeira EEA, tínhamos tido a oportunidade de observar e cooperar com a educadora cooperante nas atividades propostas por ela, assim como funcionamento e dinâmica do grupo de crianças. Num dos momentos de observação,

verificamos que as crianças tinham curiosidade sobre o outono, estação do ano que a educadora tinha vindo a falar com eles, devido à proximidade da sua chegada.

Sendo o outono, uma estação em que a meteorologia é mais instável e que muitas vezes “obriga” as crianças a ficarem mais tempo no interior da instituição, achamos uma ótima ideia, mostrar que mesmo estando um clima mais frio e por vezes chuvoso, não deve ser impedimento para as crianças explorarem e observarem o espaço exterior, sempre com os devidos cuidados, como por exemplo, a roupa adequada ao momento e à estação do ano. Por isso e por ser um tema levantado pelas crianças, decidimos realizar atividades que abordassem o outono, aproveitando para apanhar folhas no exterior e também para decorar ouriços-cacheiros, animais visíveis no outono e que fazem parte da história que apresentamos às crianças.

Os principais objetivos desta EEA, ao qual intitulámos de “O outono” eram: explorar elementos da natureza, promover momentos de lazer ao ar livre e desenvolver a criatividade. Neste sentido as áreas de conteúdo e domínios trabalhados foram: Área da Formação Pessoal e Social, Área da Expressão e Comunicação - domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, domínio da Educação Artística, domínio da Matemática e a Área do Conhecimento do Mundo.

Iniciamos esta EEA relembrando a história “Um abraço” de Eoin McLaughlin e Polly Dunbar, que foi lida anteriormente na biblioteca (ver figura 6). Quando começamos a relembrar a história e abordando alguns elementos paratextuais, as crianças começaram a recordá-la, comentando e mencionando as lembranças que associavam à história, como a personagem do Ouriço.

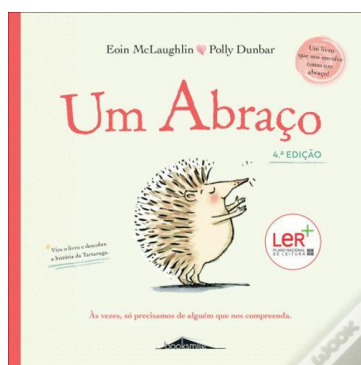


Figura 6- “Um Abraço” de *Eoin McLaughlin & Polly Dunbar*

Depois de recordarmos o conto e falarmos um pouco sobre ele, uma criança interrogou-nos se poderia existir no parque da instituição um ouriço, sugerindo de seguida que fossemos até lá para ver se encontrávamos algum.

Tomás – *Tânia será que no nosso parque pode haver um ouriço?*

EIE – *Pode aparecer. Será que podemos encontrar um ouriço no parque?*

Ana – *Podemos ir ver se encontrámos algum?*

EIE – *Claro que sim.*

(Nota de campo, n.º 1, do dia 9 de novembro de 2020).

Posto isto, levamos as crianças para o espaço exterior da Instituição para que observassem e explorassem todo o espaço e prontamente estas começaram à procura do ouriço. Depois de muita procura e não tendo encontrado o ouriço, algumas crianças optaram por brincar com elementos da natureza, como as folhas caídas das árvores. Sugerimos, também, que observassem os diferentes elementos da natureza e algumas crianças, ao verem outras a brincarem com as folhas sugeriram que recolhêssemos folhas do jardim. Concordamos com a ideia e todos juntos recolhemos as folhas, à medida que as guardávamos dentro de um saco, ouvíamos as crianças a comentar a textura, o tamanho e a cor das folhas que estavam a recolher.

Foi bastante interessante ver o entusiasmo das crianças enquanto exploravam este espaço e enquanto procuravam o ouriço e apanhavam as folhas do jardim. Muitas brincadeiras e sorrisos foram visíveis, sentimos que as crianças estavam felizes e empenhadas na concretização da tarefa.

Quando voltamos para a sala conversamos sobre as folhas que recolhemos, se eram todas iguais ou se havia alguma coisa que as diferenciava.

Tomás- *Tânia, esta folha é amarela e esta é castanha.*

Paula- *E esta é maior do que esta.*

Rita – *Apanhamos muitas folhas e são todas diferentes umas das outras.*

Ana – *Pois são, temos folhas grandes, pequenas, algumas picam e têm cores diferentes*

(Nota de campo n.º 2, do dia 9 de novembro de 2020).

Depois de um pequeno e primeiro diálogo em grande grupo, questionamos as crianças sobre o que poderíamos fazer com aquelas folhas. Desde o início que as crianças estavam participativas e partilharam as suas sugestões, surgindo assim, várias ideias.

Tomás- *Podíamos espalhá-las pela sala.*

Rita- *Ou então podíamos colá-las.*

Beatriz- *As folhas não dão para colar.*

EIE- *Será que não? E se experimentássemos para ver?*

Simão – *Tânia vamos experimentar?*

(Nota de campo, n.º 3, do dia 9 de novembro de 2020).

Aproveitando o diálogo que tínhamos tido com as crianças, distribuímos por cada uma um molho de folhas e alguns desenhos de vários ouriços-cacheiros, uma vez que este animal era uma das “personagens” presentes na história lida e lembrada no início da nossa atividade. Como as crianças demonstraram interesse em saber mais sobre o ouriço, aproveitamos os desenhos dos ouriços, para em grande grupo, falarmos com as crianças sobre as características, alimentação e o habitat deste animal e recorrendo ao computador presente na sala, todos juntos pesquisamos e descobrimos mais sobre este animal, nomeadamente a sua alimentação e a sua “casa”.

Posto isto, demos a oportunidade às crianças de escolherem a imagem do ouriço que queriam e utilizando as folhas que apanharam do jardim da instituição, as crianças começaram por colá-las no corpo do ouriço (ver figura 7).



Figura 7- Distribuição das folhas e do desenho do ouriço

Quando terminaram interrogamos as crianças sobre a emoção que sentiam e pedimos que a passassem para o ouriço desenhando a cara com lápis de cor, pois e com as observações efetuadas nas semanas anterior, o tema – As emoções, era um assunto que a educadora cooperante estava a trabalhar com as crianças (ver figura 8).



Figura 8- Desenhar a cara do ouriço

Para terminarmos o tema do outono, questionamos as crianças sobre as cores do outono e qual era a sua cor predominante sendo que responderam logo de imediato que a cor do outono era o cor-de-laranja, neste sentido perguntamos se sabiam como se fazia cor de laranja e quais as cores que podíamos misturar para obter essa cor.

Tomás- *Eu acho que é o verde e o amarelo!*

Ana- *Eu não sei Tânia, tu sabes?*

P.E. - *Não me estou a recordar, mas tenho aqui uma história que nos pode ajudar, querem ouvir?*

Todos- *Sim!*

(Nota de campo n.º 4, do dia 10 de novembro de 2020).

Aproveitamos, assim, para apresentar a história “Como se faz cor-de-laranja” de António Torrado e fizemos a leitura do conto (ver figura 9). Quando terminamos de ler a história ficamos em silêncio à espera de ouvir as opiniões das crianças sobre a mesma. Foi notável o entusiasmo das crianças ao saberem como se faz cor-de-laranja e a vontade de experimentarem.

Decidimos então mostrar-lhes se o que nos dizia a história era mesmo verdade. Com as crianças em círculo pedimos que relembassem como se fazia e íamos seguindo as

orientações delas, quando misturamos as tintas saiu o resultado que todos esperávamos, a cor laranja.

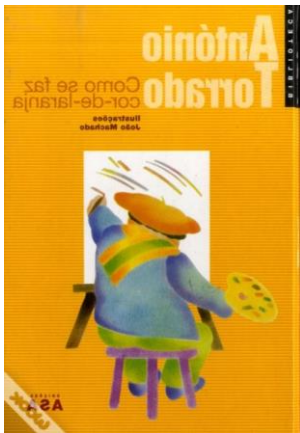


Figura 9- “Como se faz cor-de-laranja” de António Torrado

Posto isto, as crianças sugeriram que utilizássemos a tinta para terminar o ouriço-cacheiro, e assim foi. Para pintar depositamos a tinta em rolhas de garrafa e utilizamos cotonetes (ver figura 10). Foi uma técnica de pintura diferente e mostra que com “simples” materiais do uso diário também se pode utilizar para completar as atividades e tirar partido delas para uma finalidade, neste caso a pintura, pois e corroborando com Silva et al. (2016) a utilização de

materiais de uso utilitário ou reutilizáveis (tecidos, cartão, objetos naturais, papéis diversos, latas, fios, embalagens, algodão, elementos da natureza, etc.), para serem integrados e redefinidos a partir de novas funcionalidades e significados, o que permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis (p.49).



Figura 10- Pintura com cotonetes

Concluída a pintura do ouriço e como já não se notava a expressão do ouriço perguntamos às crianças o que poderíamos utilizar para voltar a dar uma expressão ao ouriço-cacheiro, registando o seguinte diálogo:

Laura- *Podíamos utilizar marcadores.*

Catarina- *Ou então podíamos usar mais folhas, foi fixe!*

E.I.E- *São boas ideias, e o que mais poderíamos utilizar?*

Simão- *Os cereais que como de manhã têm a forma de olho.*

E.I.E.- *Aí é? São redondos?*

Simão- *Sim e têm um buraquinho dentro.*

Educadora Cooperante- *São iguais a estes Simão?*

Simão- *Sim!*

(Nota de campo n.º 5, do dia 11 de novembro de 2020).

Depois de várias ideias chegamos a um consenso e utilizamos os cereais para fazer os olhos e com marcador fizemos a boca do nosso ouriço (ver figura 11).

Rita- *O meu ouriço ficou mesmo lindo!*

E.I.E.- *Pois ficou, aliás, ficaram todos!*

(Nota de campo n.º 6, do dia 11 de novembro de 2020).



Figura 11- Ouriço finalizado

Apesar de parecer uma atividade muito simples, conseguimos trabalhar em simultâneo algumas aprendizagens a promover, como o conceito de grande/pequeno ligados ao domínio da Matemática, as cores e as colagens ligadas ao domínio da Educação Artística, a leitura da obra literária ligada ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita, entre outros. Não esquecendo que o facto de termos ido para o exterior, possibilitou a exploração e a descoberta de elementos da natureza que a constituem, pois, e corroborando com Silva et al. (2016) a observação de elementos da natureza são “normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem” (p.90).

Com estas atividades pretendemos que as crianças tivessem a oportunidade de explorem os diferentes elementos da natureza, que observassem as diferentes cores das folhas e as suas formas e texturas. De um modo geral, a presente EEA correu como planeado e as crianças foram muito recetíveis às propostas de trabalho que apresentamos. Foram sempre muito ativas, participativas e opinativas no que queriam fazer, em que dêmos valor às sugestões que elas foram verbalizando ao longo dos dias. Podemos ainda afirmar, que observamos, várias vezes, momentos de partilha, interajuda, de aprendizagem e também, de muita diversão.

4.1.2. “A Vida Saudável”

A segunda EEA que passamos a descrever foi pensada e planeada, com o objetivo de consciencializar as crianças para a prática de uma vida saudável, por esse motivo, denominámos a presente atividade de “A Vida Saudável”. As áreas e domínios trabalhados ao longo da presente EEA foram: Área da Expressão e Comunicação, nomeadamente os domínios da Educação Física, da Educação Artística e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Também a Área de Formação Pessoal e Social e a Área do Conhecimento do Mundo estiveram presentes ao longo da EEA, que passamos agora a descrever.

Optámos por realizar uma atividade que alertasse as crianças para a importância de uma vida saudável, em que levássemos as crianças a perceber que ser saudável é bom e é

fácil. Para tal começamos por perguntar a opinião das crianças sobre o tema, descobrindo o que é que elas já sabiam e o que queriam saber sobre o mesmo. À medida que as crianças iam partilhando as suas ideias, nós fazíamos esse registo numa cartolina (ver figura 12).

Catarina- *Temos de comer peixe!*

Ana- *Temos de brincar.*

Tomás- *E temos de correr também para os nossos ossinhos ficarem fortes.*

(Nota de campo n.º 7, do dia 18 de janeiro de 2021).



Figura 12- Registos na cartolina

Quando as questionamos sobre o que queriam saber as crianças ficaram em silêncio sem saber o que dizer até que começaram a surgir perguntas como por exemplo “*Posso comer chocolate?*”. Explicamos que podiam comer de tudo um pouco, mas não em excesso.

De forma a trabalharmos este tema sugerimos às crianças que elaborássemos um livro. A reação das crianças à nossa proposta de trabalho foi de entusiasmo e desde o início manifestaram interesse e empenho na elaboração do livro. Este, era composto por várias imagens, onde as crianças colavam bolinhas de papel crepe de acordo com a imagem, ou seja, se a imagem relatasse uma boa prática para uma vida saudável as crianças colavam uma bola verde, por outro lado se a imagem correspondia a uma prática pouco saudável as crianças colavam uma bola amarela ou vermelha. Quando terminaram pedimos-lhes que legendassem a imagem e escrevíamos o que diziam (ver figura 13). Neste sentido, Silva et al. (2016) afirmam que é

através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura (...). As histórias lidas ou contadas pelo/a educador/a, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para

além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscita o desejo de aprender a ler (p.66).

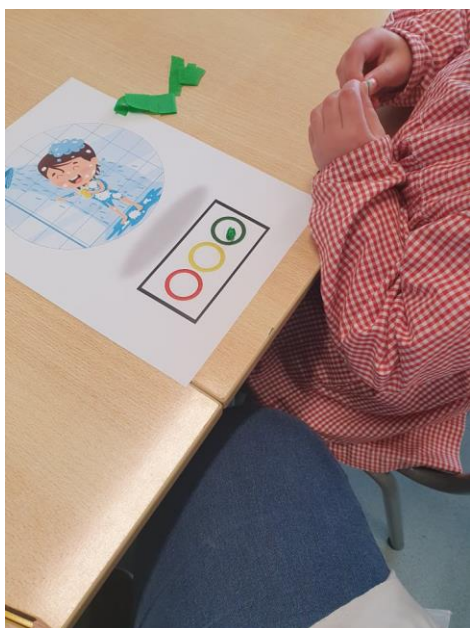


Figura 13- Imagens para o livro

Quando terminamos esta parte da EEA, e em conversa em grande grupo sobre a alimentação saudável, as crianças frisaram que era importante comermos sopa, pois tinha *“muitos legumes e fazia bem para crescermos fortes e saudáveis”*. Aproveitando este momento de reflexão apresentamos o livro *“Come a sopa, Marta!”* de Marta Torrão (ver figura 14).



Figura 14- *“Come a sopa, Marta!”* de Marta Torrão

Feita esta leitura, e depois de uma partilha de opiniões sobre a obra leitura surgiu a ideia de lançar um desafio às crianças, que consistia na elaboração de uma *“sopa”*. De modo a demonstrar quais as possibilidades de alimentos que podemos utilizar na confeção da sopa,

levamos para a sala alguns alimentos, como cenouras, batatas, brócolos, couve-coração, alho francês, feijão, beringela, entre outros e juntos “confeccionamos” a sopa. Posto isto, distribuímos por cada criança uma folha com vários alimentos impressos para que a criança escolhesse quais os que queria utilizar para confeccionar a sua sopa. Foi dado tempo às crianças para que observassem os “alimentos”, que os recortassem e colassem na sua “panela”. Depois da conclusão deste trabalho propusemos às crianças que juntássemos estas “sopas” ao livro que tínhamos iniciado anteriormente (ver figura 15).



Figura 15- Imagens da sopa

Foi notório observar o empenho deles na realização desta atividade e sentimos que ficaram orgulhosos com os seus trabalhos quando apresentamos o livro finalizado (ver figura 16). As crianças foram identificando os seus trabalhos, à medida que esfolheávamos o livro.

Tomás- Este aqui foi o que eu fiz, ficou mesmo bonito!

Luís- O livro ficou bem.

Antónia- Tânia, posso levar para casa?

EIE- Como vocês sabem, não podemos levar nem trazer coisas de casa. E se o colocássemos na área da biblioteca? Assim, quando quiserem podem vê-lo!

(Nota de campo n.º 8, do dia 19 de novembro de 2020).



Figura 16- Capa do livro

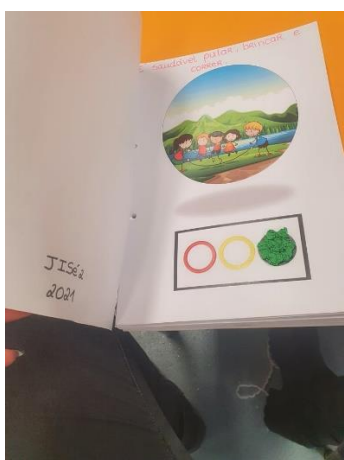


Figura 17- Conteúdo do livro



Figura 18- Conteúdo do livro

Com a confecção desta “sopa” as crianças mostraram interesse em degustar alimentos que nunca tinham provado. Para ir de encontro as sugestões dadas pelas crianças, optamos por fazer uma experiência de sabores. Esta experiência foi realizada em grande grupo, onde íamos chamando duas crianças de cada vez, vendávamo-las e dávamos-lhes a provar e a

cheirar um dos alimentos, sendo que o objetivo era que as crianças adivinhassem o que estavam a cheirar e a degustar. De uma forma geral, as crianças conseguiram adivinhar os alimentos que lhes calharam e foi possível observar que muitas vezes associavam esses alimentos como sendo iguais a outros que já são habituais na sua rotina. Através desta atividade, foi possível verificar a interajuda que existia entre as crianças, pois algumas crianças ajudavam as que estavam vendadas e a saborear e a cheirar os alimentos, dando pistas como por exemplo, a cor do alimento, para que estas conseguissem adivinhar o alimento que lhes tinha calhado (ver figura 19).



Figura 19- Experiência de sabores

Para terminarmos a semana da vida saudável e tendo em conta as sugestões que as crianças foram dando ao longo da semana planificamos uma atividade de Educação Física ao ar livre. Durante esta atividade realizámos vários jogos tradicionais como o jogo do lencinho, o jogo do gato e do rato e o jogo do faz de conta, em que este consistia que as crianças imitassem várias situações ditadas por nós, pois e corroborando com Silva et al. (2016) “A Educação Física, no jardim de infância, deverá proporcionar experiências e oportunidades desafiantes e diversificadas em que a criança aprende: a conhecer e a usar melhor o seu corpo...” (p.43) e foi isso que tentamos fazer nesta atividade de Educação Física tirando partido das potencialidades do espaço exterior (ver figura 20). No final,

quando questionamos as crianças se gostaram das atividades que lhes propusemos, imediatamente responderam afirmativamente que sim e alguns demonstraram a sua opinião dizendo:

Paula- Podíamos fazer sempre Educação Física cá fora.

Duarte- Esta semana foi mesmo saudável!

Luís- Gostei muito desta semana. Porque colamos e fizemos um livro.

(Nota de campo n.º 9, do dia 20 de novembro de 2020).



Figura 20- Atividade de Educação Física no exterior

Com a realização desta EEA foi possível alertar as crianças para a prática de uma vida saudável, tendo em conta a alimentação e a prática de exercício físico, conduzindo “a uma sensibilização das crianças para os cuidados com a saúde e com o corpo e para a prevenção de acidentes” (Silva et al., 2016, p.91). Tal como podemos verificar na tabela (ver figura 21) que começamos por preencher no início da semana com as opiniões das crianças às perguntas: “O que sabemos?”; “O que queremos saber?” e “Como podemos saber”. Terminamos de preencher esta tabela no final da semana respondendo à questão “O que aprendemos?”. Vejamos algumas das respostas das crianças à pergunta: O que aprendemos?

- *“Temos de comer fruta”*
- *“Temos de tomar um bom pequeno-almoço”*
- *“Temos de brincar e de correr”*

O que sabemos?	O que queremos saber?	Como podemos saber?	O que já sabemos?
Comer fruta comer peixe comer carne comer massa comer sopa Beber água Dormir bem lavar os dentes Brincar CORRER tomar banho	posso comer chocolates? posso ver televisão? posso comer muito?	perguntar a professora (na escola) perguntar ao pai e a mãe Na televisão NOS LIVROS	Temos de - comer fruta, - comer peixe, - comer carne, - lavar os dentes, - tomar banho, - Dormir - Brincar - Correr - tomar um bom pequeno-almoço

Figura 21- Tabela da Vida Saudável

A partir destas atividades, e como já referido anteriormente, conseguimos trabalhar as várias áreas e domínios em simultâneo e também concretizamos os objetivos estipulados para as mesmas, tendo sempre em conta o que as crianças iam sugerindo, no decorrer das atividades, de forma a sentirem-se motivadas, ouvidas e saberem que têm um papel fundamental na realização das mesmas, pois a partilha e troca de opiniões foi uma constante nesta EEA. Seguindo a linha de pensamento de Silva et al. (2016) ao “considerar a criança como agente do processo educativo e reconhecer-lhe o direito de ser ouvida nas decisões que lhe dizem respeito confere-lhe um papel ativo no planeamento (...) constituindo esta participação uma estratégia de aprendizagem” (p.16).

Assim, ao longo da presente EEA e considerando a opinião e sugestões das crianças, realizamos atividades que abordassem a alimentação saudável, demonstrando que é importante cuidar do nosso corpo e também a importância de termos uma alimentação saudável. As crianças foram muito recetíveis, mostrando interesses e motivação para todas as nossas propostas de atividades.

4.1.3. “Caça tesouro” (E@D)

A última EEA que passamos a descrever foi uma das atividades realizada em contexto de ensino à distância (E@D), pois como já foi referido anteriormente tivemos de

regressar ao E@D, devido à pandemia provocada pelo Covid-19 SARS-COV2. Foi uma experiência diferente, onde, juntamente com a Educadora Cooperante planificamos atividades para as crianças realizarem em casa durante a semana. As planificação das atividades era enviada aos pais/encarregados de educação no fim de semana, para que estes estivessem a par das atividades planeadas e sugeridas para cada dia da semana, de modo a auxiliar os pais/encarregados de educação durante as atividades. Estas planificações contemplavam o período da manhã, em que sugeríamos que as crianças juntamente com os pais/encarregados de educação cantassem a canção dos bons dias, assentissem ao “Estudo Em Casa” e que as crianças colaborassem na preparação das refeições (pôr e levantar a mesa, por exemplo). E o período da tarde em que sugeríamos a atividade que planeamos para realizarem, assim como a explicação de todos os pontos para a concretização da mesma. A semana terminava com um encontro, às sextas-feiras, via Microsoft Teams para conversar com as crianças para que a ligação entre criança/educadora não fosse quebrada e para que as crianças tivessem a oportunidade de partilhar como tinha corrido a semana. De uma maneira geral, as crianças participavam nas atividades e partilhavam connosco o que iam fazendo ao longo da semana, porém nem todas as crianças participavam pois algumas estavam em zonas que não tinham acesso à internet, como em algumas aldeias.

Quando estávamos a planear as atividades, tivemos em especial atenção aos materiais que sugerimos que utilizassem, para que todos tivessem fácil acesso aos mesmos mencionando sempre várias sugestões de objetos/materiais para a realização da atividade que passamos a apresentar.

O E@D fez com que muitas crianças ficassem “fechadas” em casa sem terem a oportunidade de brincar no espaço exterior como antes do aparecimento da pandemia Covid-19 SARS-COV2. Por esse motivo, pensamos realizar atividades em que as crianças juntamente com os seus pais/encarregados de educação pudessem utilizar o espaço exterior (jardim de casa ou outro local). Assim, esta EEA consistia na realização de um caça ao tesouro num local ao ar livre à escolha das crianças e dos pais/encarregados de educação, utilizando objetos/brinquedos que as crianças gostassem e tivessem em casa, por esse motivo chamamos esta atividade de “Caça ao tesouro”.

Para a realização desta atividade, pedimos aos pais/encarregados de educação que, juntamente com as crianças, escolhessem 6 objetos/brinquedos ao seu gosto. Foi pedido que vendassem as crianças e que escondessem os objetos no local que escolheram para fazer a caça ao tesouro. Quando os pais/encarregados de educação tivessem escondido todos os objetos, desvendavam as crianças e estas iam à procura dos seus brinquedos. O papel do

encarregado de educação era dar orientação à criança de modo que esta percebesse se estava perto ou longe dos brinquedos.

No final, quando a criança já tivesse na sua posse os 6 brinquedos, foi proposto que esta fizesse um pequeno piquenique juntamente com os mesmos e o encarregado de educação ou quem estivesse consigo naquele momento.

Para a realização do piquenique propusemos às crianças, que, com a ajuda de um adulto, fizessem um bolo, o bolo da caneca. A receita do bolo da caneca é muito simples e com poucos ingredientes e não vai ao forno. Escolhemos esta receita para que a criança pudesse participar em todo o processo.

Como foi uma atividade realizada em E@D, não há registos fotográficos da mesma, mas no encontro online que tivemos nessa mesma semana, as crianças partilharam algumas opiniões sobre a atividade.

Catarina- Eu gostei muito do bolo, era delicioso.

Duarte- Eu também gostei e os meus brinquedos também!

EIE- Gostava muito de ter provado o vosso bolo. E então a caça ao tesouro, como correu?

Ana- Eu encontrei os meus brinquedos muito rápido.

Simão- Eu demorei um bocadinho a encontrar, o meu jardim é muito grande!

(Nota de campo n.º 10, do dia 26 de fevereiro de 2021).

Apesar de esta EEA ter sido realizada à distância, de um modo geral achamos que correu bem, pois o feedback transmitido quer pelas crianças, quer pelos pais foi positivo. Aqui também realçamos a importância que os encarregados de educação têm na colaboração e apoio às atividades propostas pela escola, frisando que, para isso, é necessário existir uma boa relação escola/família pois esta comunicação é muito importante para que a criança tenha um bom desenvolvimento, o trabalho em equipa cria, assim, um ambiente favorável para que a criança se sinta bem e que tenha ao seu dispor todos os meios que a ajudem a crescer. Desenvolver laços entre os educadores e os pais é fundamental, pois permite que ambos trabalhem em conjunto e em prol de um bem maior, as crianças. Corroborando com Mata & Pinto (2021)

(...) as famílias desempenham um papel central no apoio à aprendizagem e que são parceiros dos profissionais desde o nascimento dos seus filhos até ao fim da sua escolaridade. Esta relação de parceria implica responsabilidade partilhada em todas as etapas, o seu envolvimento não passa por ações aleatórias e pontuais, mas sim por abordagens sistemáticas cujo foco não são os eventos realizados, mas os resultados deles decorrentes (p.8).

4.2. Experiências de ensino e aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico

4.2.1. “Plantamos uma árvore”

A primeira EEA que descrevemos relativamente ao contexto do 1.º CEB e ao qual intitulámos de “Plantamos uma árvore”, aconteceu na disciplina de Português e de Estudo do Meio. Definiram-se como objetivos, a nível do português, leitura e análise de textos narrativos e partilha de ideias, e a nível de Estudo do Meio, atividades relacionadas com as partes constituintes das plantas, nomeadamente, cultivar plantas na sala de aula ou no recinto da escola, reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e reconhecer manifestações da vida vegetal (observar plantas).

A presente EEA surgiu através da leitura e exploração do livro “A árvore da escola” de António Sandoval na disciplina de Português (ver figura 22). Este livro conta a história de uma árvore que, ao contrário das outras, cresce com carinho e companhia e que vai florescendo e tornando-se cada vez mais forte à medida que recebe “atenção” por parte das crianças, vai tornando-se numa árvore capaz de acolher ninhos e passarinhos e também baloiços e crianças, e até mesmo uma cabana que se irá transformar numa biblioteca. Certa altura a árvore decide presentear as crianças com uma semente, para que outras crianças possam também ter uma árvore na escola e que aprendam que esta árvore necessita de amor, carinho e atenção.



Figura 22- “A árvore da escola” de António Sandoval

Posteriormente à leitura analisamos oralmente a obra, onde abrimos espaço ao diálogo para que as crianças apresentassem as suas dúvidas, questionar e tecer, se for o caso, vários comentários à narrativa. Durante o diálogo com as crianças, foram surgindo várias observações sobre as árvores que estão no espaço exterior da instituição.

Manuel- *No recreio tem algumas árvores.*

Professora Estagiária (P.E.) - *E vocês costumam cuidar delas?*

Carolina- *Eu não, porque não vou brincar para lá.*

(Nota de campo n.º 11, do dia 20 de abril de 2021).

Depois deste diálogo surgiu a ideia de plantarmos uma árvore no espaço exterior da escola, sendo que, a turma ficou com a tarefa de todos os dias, ir visitá-la e dar-lhe carinho. Antes de fazermos esta plantação questionamos as crianças se sabiam quais as partes que constituem uma planta, fazendo uma ligação com os conteúdos que se iria abordar na disciplina de Estudo do Meio. Começámos assim por observar a raiz, o caule/tronco e as folhas de uma árvore e também de uma flor que foram levadas para a sala de aula. Aqui as crianças tiveram oportunidade de observar e explorar esta árvore e esta flor antes de as plantarmos. Pois, e corroborando com Carvalho e Freitas (2010)

Através do contacto com o real – como a saída ao campo, com o inerente contacto com plantas e animais, com a visita a plantações, a criações de gado ou a fábricas – é possível fazer suscitar a curiosidade das crianças desta faixa etária (p.86).

Feita esta exploração e observação pusemos mãos à obra e fomos para a parte exterior da escola. Primeiramente propusemos às crianças que observassem o espaço e os elementos que o constituem para assim escolhermos o melhor local para plantarmos a nossa árvore, para que tivesse espaço para crescer saudável e quem sabe, dar “sementes” (ver figura 23).



Figura 23- Observar e explorar o espaço exterior

A árvore foi plantada na parte de trás da instituição, perto do recreio, já a flor, optámos por plantá-la na entrada da escola, para que, sempre que as crianças entrassem ou saíssem pudessem observar o seu crescimento. No decorrer desta atividade, as crianças sugeriram que regássemos as plantas já existentes na entrada da escola, “*para que cresçam como a nossa*” (ver figura 24).



Figura 24- Plantação da flor



Figura 25- Plantação da árvore

Para além da área de Português e Estudo do Meio, trabalhamos a área das expressões, nomeadamente área da expressão plástica, onde as crianças deram asas à sua imaginação e fizeram um desenho alusivo à obra (ver figura 26).



Figura 26- Ilustração das crianças

Nesta EEA sentimos que as crianças gostaram, que estavam entusiasmadas e mostravam interesse pelos conteúdos abordados e pelas atividades que lhes apresentamos. Foi uma atividade em que as crianças tiveram liberdade para explorar e manipular o “tema” em estudo, a planta, uma vez que puderam observá-la, visualizando melhor todas as partes que a constituem. Também, através desta EEA incluímos o espaço exterior nesta atividade e proporcionamos um momento de aprendizagem diferente e do agrado de todas elas.

4.2.2. “Educação Financeira”

O dinheiro faz parte do dia a dia de todos e desce de cedo que as crianças estão em “contacto” com o dinheiro por observarem os “mais velhos”. É nessa altura que começam a ter algumas noções sobre ele (para que serve, quando o utilizamos, ...). Pois e corroborando com Breda, Serrazona, Menezes, Sousa e Oliveira (2011) é desde “cedo que as crianças adquirem a noção de que o dinheiro serve para comprar coisas que são necessárias à vida das pessoas e que existem moedas e notas que se utilizam em troca dessas coisas” (p.149). Por ser um conteúdo bastante importante e por fazer parte da realidade das crianças e sendo elas o futuro da nossa sociedade, é importante que desde o início estas comecem a ter noção do que realmente é o dinheiro e para que serve.

A Educação Financeira é uma dimensão presente na educação para a cidadania e segundo as linhas orientadoras para a Educação para a Cidadania

A **Educação Financeira**, que permite aos jovens a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos e capacidades fundamentais para as decisões que, no futuro, terão que tomar sobre as suas finanças pessoais, habilitando-os como consumidores, e concretamente como consumidores de produtos e serviços financeiros, a lidar com a crescente complexidade dos contextos e instrumentos financeiros, gerando um efeito multiplicador de informação e de formação junto das famílias (Direção Geral de Educação, 2013,p.5).

Por esse motivo, com a presente EEA que intitulámos de “Educação Financeira”, pretendíamos que as crianças através de uma forma mais lúdica e divertida, pudessem trabalhar e desenvolver alguma noções deste tópico, criando uma atividade que envolvesse os vários conceitos próprios do dinheiro, como por exemplo pagamentos, trocos, valor dos produtos, entre outros. Uma vez e seguindo o pensamento de Breda et al. (2011) é “importante proporcionar aos alunos, na sala de aula, situações que envolvam compras e vendas, em que os alunos simulem a realização de pagamentos e efectuem trocos, utilizando, por exemplo, réplicas de moedas e notas” (p.149). Neste sentido, realizamos um mercadinho com as crianças e tinha como objetivo principal de consolidar o conteúdo “dinheiro” de uma forma lúdica, bem como trabalhar a adição e subtração, enquanto vendiam os seus produtos ou faziam as suas compras, assim como, trabalhar tópicos inerentes ao conteúdo dinheiro, como a noção de troco.

A ideia de fazer um mercadinho surgiu devido ao facto de que, quando começamos a lecionar este conteúdo as crianças partilharam com a turma as suas idas à feira, ao supermercado, ao shopping em que observavam o ato de pagamento destas compras.

Daqui surgiram algumas dúvidas, tal como verificámos na nota de campo abaixo.

Cátia- A minha mãe quando vai ao Lidl, às vezes, paga com uma nota e recebe moedas. Porquê?

Rui- Isso é porque a tua mãe deu dinheiro a mais.

P.E.- Sim, é verdade Rui. E sabem qual o nome que damos a “isso”?

Manuel- É troco!

P.E.- *Isso mesmo! O troco é a diferença entre o valor do objeto e do dinheiro que nós damos.*

Susana- *Então se dermos o dinheiro certo, não recebemos troco!*

P.E.- *Exatamente, quando damos o valor certo do objeto que compramos, não recebemos troco.*

(Nota de campo n.º 12, do dia 17 de maio de 2021).

Depois deste diálogo sugerimos às crianças que observassem alguns panfletos dos hipermercados e que escolhessem apenas um produto desse panfleto. Quando todas as crianças terminaram de escolher o produto propusemos a realização de um desafio, onde uma das crianças dizia qual o produto e o seu preço, outra dizia com quanto pagou e uma outra dizia qual o troco que teriam de receber. Este pequeno desafio, para além de trabalharmos o troco, as operações numéricas, nomeadamente a diferença, serviu também para prepará-los para o grande desafio que seria o mercadinho.

Para a realização deste mercadinho utilizamos as notas e as moedas disponíveis nos materiais manipuláveis presentes no manual escolar de matemática. Começamos por dividir a turma em dois grandes grupos, o grupo dos vendedores e o grupo dos compradores. Ao grupo dos vendedores foram distribuídas várias miniaturas de produtos alimentares e higiénicos, um preço e também uma tabela onde as crianças teriam de apontar quais os produtos da sua banca, o respetivo preço, o dinheiro que recebeu e o troco efetuado. Já o grupo dos compradores tinha apenas uma tabela onde teriam de registar os produtos que compraram, o seu respetivo valor, o dinheiro que deu e o troco que recebeu (se recebeu). É de salientar que todos os compradores tinham a mesma quantidade de dinheiro disponível para efetuar as suas compras, sendo o vencedor, a criança que tivesse gerido melhor o seu dinheiro, neste caso que tivesse comprados mais produtos. Já o vencedor do grupo dos vendedores era a criança que mais lucrou com as suas vendas.

Inicialmente demos algum tempo aos vendedores para observarem o preço, em seguida fomos para a parte exterior da instituição, onde o mesmo grupo teve oportunidade de observar qual o local onde queria montar a sua banca enquanto o outro grupo observava a tabela que teria de preencher (ver figura 27). Posto isto e já com os vendedores apostos, o grupo dos compradores iniciou as suas compras, dando assim início ao mercadinho. Durante

esta atividade, íamos observando e apoiando ambos os grupos tirando algumas dúvidas existentes.



Figura 27- Montagem das “bancas”

No final do mercadinho, auscultamos todas as crianças, observamos todas as tabelas e em conjunto elegemos o vencedor de ambas as equipas. Aproveitamos este diálogo para que as crianças partilhassem quais as dificuldades que mais sentiram para que pudéssemos esclarecê-las à cerca das mesmas (ver figura 28).



Figura 28- Mercadinho



Figura 29- Compras e vendas

Sendo esta uma atividade que vai ao encontro do nosso tema “A importância do espaço exterior na aprendizagem das crianças”, quisemos saber como é que as crianças se sentiram na realização da mesma, pois esta era uma atividade que poderia ter sido realizada em sala de aula, mas no espaço exterior tínhamos mais espaço para montar as bancas e para que os compradores pudessem andar à “vontade”.

Concluindo assim que esta atividade se tornou numa mais-valia, pois conseguimos tornar uma consolidação da matéria numa atividade diferente e a nosso ver muito enriquecedora para todos. Durante a realização da atividade, as crianças mostram-se empolgadas com a realização do mercadinho, pois enquanto consolidavam e trabalhavam conteúdos da disciplina de Matemática conseguiram, ao mesmo tempo, brincar encarnando várias personagens (vendedor ou comprador).

4.2.3. “Teatro de sombras”

A terceira e última EEA que passamos a descrever, intitulada de “Teatro de sombras”, aconteceu na última semana de estágio no contexto do 1.º CEB e tinha como objetivo principal a realização de um teatro de sombras em que as crianças dramatizaram a história lida e trabalhada na disciplina de Português e, ao mesmo tempo, aproveitamos para explorar a luz e a sombra, conceitos inerentes à disciplina de Estudo do Meio. Os objetivos definidos a nível do português foram: leitura e análise de textos narrativos e partilha de ideias e sentimentos, a nível de disciplina de Estudo do Meio os objetivos definidos consistia na realização de experiências com alguns materiais e objetos do uso corrente, nomeadamente, identificar fontes luminosas e observar a interseção da luz pelos objetos opacos – sombra. E a nível da educação artística, participação na elaboração oral de uma história e improvisar um diálogo ou uma pequena história:

A EEA iniciou-se com a leitura e apresentação do livro “Baralhando histórias” de Gianni Rodari. Tal como o nome indica, esta é uma história onde o avô, para a leitura do jornal para contar o conto tradicional “O Capuchinho Vermelho” à sua neta, mas acaba por ser esta a contar toda a história corrigindo os enganos do avô, é por isso que se torna numa história tão interessante e ao mesmo engraçada para as crianças. Escolhemos esta história porque nos permite sentir a emoção das crianças, pois estão atentas e em alerta para ouvirem

como termina a história, visto que à prior já a conhecem, mas não sabem quais os enganos do avô. Durante a leitura da história, foi possível observar que algumas crianças se aperceberam dos “enganos” do avô e interpelavam-nos dizendo que não era assim que acontecia na história verdadeira e, muitas vezes, era elas que faziam a correção dizendo “*Ela não encontrou uma girafa, foi um lobo*”, “*Não é verde, é vermelho*” (Nota de campo n.º 13, do dia 14 de junho de 2021). Através da leitura desta história, apercebemo-nos que as crianças estavam bastante interessadas e atentas, pois queriam saber quais os “enganos” do avô e perceberem o porquê de este não estar a contar a história bem. Foi um momento bastante interessante e que sentimos que motivou e cativou as crianças para as atividades que se seguiam.

Feita a leitura da história houve um diálogo com as crianças para, em conjunto, descobrirmos a presença do grafema “lh” nas palavras da história como em “vermelho” por exemplo. Para dar continuação fizemos vários exercícios sobre o mesmo e discutimos como poderia ser apresentado este livro de uma forma “diferente”, no qual suscitaram várias sugestões.

Carolina- *Podíamos ir à frente e contar a história.*

Henrique- *Ou então podíamos fazer um teatro.*

P.E.- *Um teatro como? Um teatro de fantoches por exemplo?*

Susana- *Sim, isso era “fixe”.*

P.E.- *E se fosse um teatro, mas um teatro diferente? Um teatro de sombras.*

Rute- *Um teatro de sombras? O que é isso?*

(Nota de campo n.º 14, do dia 14 de junho de 2021).

Quando surgiu esta dúvida optamos por esclarecê-la mostrando um vídeo de um teatro de sombras. As crianças ficaram muito entusiasmadas com a ideia e começaram a imaginar como o fariam. Através do pedido da crianças e com a consonância das restantes, foi possível abordar outras áreas curriculares, nomeadamente o Estudo do Meio. Assim, sugerimos fazer uma experiência para explorarmos o comportamento da luz e da sombra. Uma vez e segundo o Programa do 1.º CEB e no que concerne à disciplina de Estudo do Meio

será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apreendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos (Ministério da Educação, 2004, p.102).

Assim, para esta experiência levamos diversos materiais, como uma moldura com um lençol branco, uma fonte luminosa e vários objetos de diferentes materiais e cores para observar a sua sombra e a influência que a luz tinha nos objetos. Durante a realização das experiências, as crianças foram bastante opinativas e participativas no decorrer de toda a atividade e, em conjunto, fizemos previsões sobre o que aconteceria aos objetos quando expostos à luz, onde cada criança fazia esse registo numa folha que inicialmente tínhamos distribuído.

Henrique – *Se eu colocar o cartão à frente dos meus olhos, não vou conseguir ver nada.*

Susana – *Eu acho que conseguimos ver através do papel colorido.*

P.E. – *Vamos experimentar?*

Carolina – *Sim, estou curiosa e quero muito fazer esta experiência.*

(Nota de campo n.º 15, do dia 14 de junho de 2021).

No final da experiência e em conjunto, comparamos as previsões com o que realmente aconteceu e chegamos à conclusão de que nem todos os materiais tinham sombra, tudo dependia do material e da cor do objeto.

Posto isto as crianças quiseram experimentar como ficaria a sua sombra na moldura e questionaram se poderiam utilizar imagens feitas por eles para o teatro. Achamos uma boa ideia e concordamos, por isso, ao longo da semana fomos fazendo e decorando as figuras da história lida anteriormente. Para a decoração destas imagens utilizamos diversos materiais, como palhinhas, a cor vermelha, rolhas, entre outros, todos estes objetos tinham presentes no nome o grafema “lh” para fazer ligação com o conteúdo que estava a ser lecionado a português (ver figura 30). É de salientar que as crianças, tiveram liberdade de escolher os

materiais que queriam utilizar, assim como a sua forma de representação na decoração das imagens, uma vez que a “exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies” (Ministério da Educação, 2004, p.89).



Figura 30- Decoração das personagens

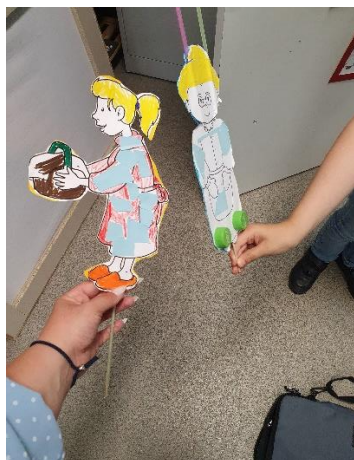


Figura 31- Personagens decoradas

Para a preparação do teatro de sombras, desafiamos às crianças que constituíssemos grupos de modo que cada grupo não ficasse com personagens repetidas. De seguida sugerimos que dessem asas à sua imaginação e dessem um toque “pessoal” à história que iriam apresentar. Para isso fomos com as crianças para o recreio e estas, em grupo, distribuíram-se pelo espaço e foram ensaiando a apresentação. Corroborando com Programas do 1.º CEB (2004) no que se refere à disciplina de Expressão e Educação Dramática

As actividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objectos, são momentos de enriquecimento das experiências (...) A exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro (Ministério da Educação, 2004, p.77).

Inicialmente esta iria ser no exterior, mas com a pandemia SARS-COV2 os intervalos eram desfasados e coincidiu com o intervalo de uma outra turma, por isso, fizemos as apresentações dentro da sala de aula.

No final de todos os grupos terem dramatizado a sua peça de teatro, questionamos as crianças sobre o que sentiram durante a realização da atividade e se tinham gostado de a realizar.

Rute – *Eu adorei fazer o teatro. Foi muito giro.*

Manel – *Eu também gostei, podemos ir lá para fora ensaiar e trabalhamos em grupo, foi muito fixe.*

Susana – *Esta semana foi muito fixe, aprendemos muito. Gostei de fazer a experiência, gostei de fazer o teatro e gostei muito da história que nos leste na segunda-feira.*

(Nota de campo n.º 16, do dia 14 de junho de 2021).

A EEA correu bastante bem e como planeado, as crianças foram muito participativas e estavam recetíveis a todas as nossas propostas de atividades. Ao longo da semana foi possível observar o contentamento e entusiasmos durante a execução de todas as atividades. Foi uma semana em que as crianças tiveram a oportunidade de brincar, criar, imaginar, interrogarem-se, aprender e explorar o espaço exterior.

A presente EEA, assim como algumas das atividades realizadas no decorrer das nossas intervenções, surgiram através de sugestões das crianças, ou das opiniões que estas nos transmitiam. Sempre que nos era possível, incluíamos todas as propostas que as crianças nos sugeriam e que gostavam que fossem realizadas, conseguindo, também, interligar as várias áreas de conteúdo.

5. Apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos nos contextos da Prática de Ensino Supervisionada

No presente ponto, apresentamos a análise e interpretação dos dados recolhidos através das opiniões das crianças do contexto de EPE, dos inquéritos por questionários aplicados aos encarregados de educação (EE) das crianças da EPE, assim como, os questionários implementados à turma do 1.º ano do 1.º CEB onde decorreu a PES. Estes inquéritos por questionários tinham como objetivo principal, *perceber e saber a opinião dos intervenientes sobre a frequência com que as crianças brincam e realizam atividades ao ar livre.*

Começamos por apresentar a análise e interpretação dos dados recolhidos na EPE e por último, será apresentado a análise e interpretação dos dados referentes ao 1.º CEB.

5.1. Apresentação, análise e interpretação de dados recolhidos na Educação Pré-Escolar

Neste ponto passamos a apresentar a análise dos dados recolhida no contexto de EPE. Esta análise foi realizada em dois momentos, um com as crianças em contexto de sala de atividades e o outro aos EE através de um inquérito realizado na plataforma Google Forms (ver anexo 1). O primeiro momento tinha como objetivo tentar perceber quais foram as atividades que as crianças mais gostaram de realizar, percebendo, também, se preferiram as realizadas no espaço exterior ou no interior da Instituição. Por outro lado, o inquérito realizado aos encarregados de educação tinha como intuito a obtenção de dados sobre a frequência com que as crianças brincam e realizam atividades ao ar livre fora do contexto escolar.

Para sabermos a opinião das crianças às EEA que lhes apresentamos, no último dia de estágio, quando todas as atividades já tinham sido implementadas questionamos as crianças sobre se recordavam das atividades realizadas nas semanas anteriores. As crianças foram muito interventivas e desde logo partilharam qual ou quais eras as atividades que se lembravam e, conseqüentemente, as que mais tinham gostado.

Tomás- Tânia, eu lembro-me. Fomos apanhar folhas lá para fora, para depois fazermos os ouriços.

Paula- *A atividade que eu mais gostei foi o Teatro de Natal.*

EIE- *Quem é que se lembra de mais atividades?*

Luís- *Eu lembro-me de fazer os postais de Natal com vários materiais, foi a atividade que mais gostei.*

Simão- *A atividade que eu mais gostei, foi quando fomos lá para fora fazer ginástica.*

(Nota de campo n.º 16, do dia 24 de março de 2021).

Com um primeiro diálogo que tivemos com as crianças, apercebemo-nos que, no geral, elas se recordavam das EEA que preparamos e realizamos com elas. Assim, no quadro branco presente na sala fizemos o registo das atividades mencionadas pelas crianças. As atividades que, em conjunto, registámos foram: Educação Física ao ar livre, realização de postais de Natal, Teatro de Natal, apanhar folhas no recreio, pintar a imagem do ouriço e realização do livro sobre a alimentação saudável. Como ilustra a tabela seguinte (ver tabela 3).

Tabela 3 – Atividades que as crianças da EPE mais gostaram

Atividades que as crianças da EPE mais gostaram	
Ginástica ao ar livre	6
Postais de Natal	2
Teatro de Natal	3
Apanhar folhas no recreio	5
Pintar o ouriço	2
Realização do livro sobre a alimentação saudável	1
Total	19

A tabela apresentada, retrata o registo que fizemos junto com as crianças no quadro branco, que apresentamos, de seguida, em forma de gráfico (ver figura 32).

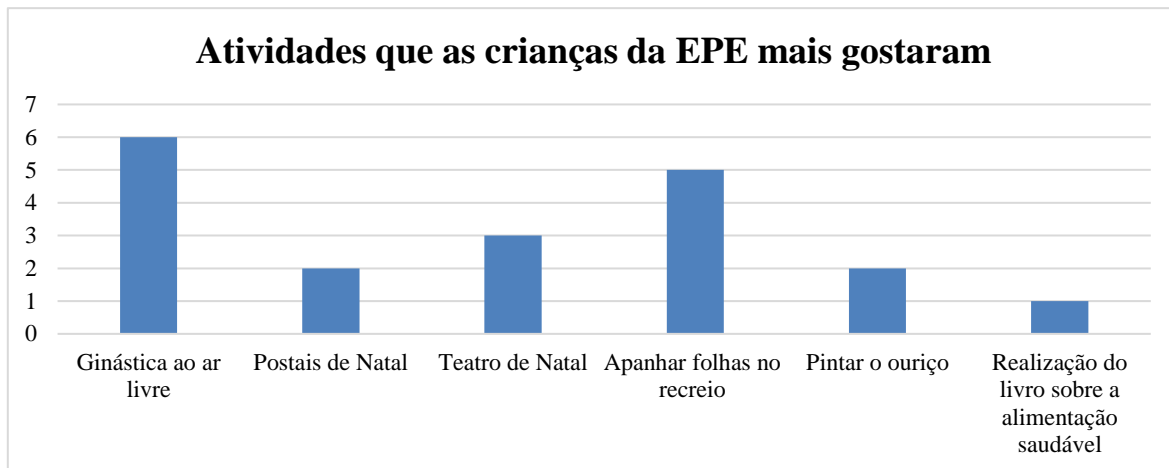


Figura 32- Gráfico das atividades que as crianças da EPE mais gostaram

Ao analisarmos o gráfico das atividades que as crianças do contexto da EPE mais gostaram, podemos observar que as atividades que incluíam a ida ao espaço exterior como a Educação Física ao ar livre (6 respostas) e apanhar folhas no recreio (5 respostas), foram as mais mencionadas como sendo as preferidas. Há medida que as crianças manifestavam as suas preferências, algumas justificavam as suas respostas, afirmando que as gostaram de ir para o exterior porque “estamos ao ar livre”, “podemos brincar”, “eu gosto mais”, “é maior” (referindo-se ao tamanho do espaço exterior), “brincamos com as folhas”, “fizemos muitos exercícios” (referência à aula de Educação Física).

Das atividades realizadas na sala de atividades, as que foram mais mencionadas pelas crianças foram a realização do Teatro de Natal (3 respostas), a realização dos postais de Natal e a pintura dos ouriços, ambas com sendo a preferida de duas crianças, cada uma. As justificações das crianças recaíram pelo tipo de material que utilizamos e por ser uma experiência nova, referindo-se ao Teatro de Natal e à elaboração do livro.

Com a recolha de dados junto das crianças com quem trabalhamos no contexto da EPE e tendo em conta, não só, o gráfico apresentado neste ponto, mas também as notas de campo, as observações efetuadas e os registos fotográficos obtidos durante a nossa passagem por este contexto, podemos retirar que as crianças gostaram das atividades que lhes proporcionamos e que a utilização do espaço exterior foi um dos fatores que lhes chamou mais atenção motivando-as para as atividades propostas, pois as crianças gostaram das atividades que realizamos neste espaço. Mostrando, que o espaço exterior é um local em que as crianças podem explorar livremente e onde estão mais interessadas e atentas à execução das atividades, estas foram algumas das conclusões que retiramos durante a nossa passagem pelo contexto da EPE.

No segundo momento, implementamos um inquérito por questionário com o objetivo de obter dados sobre a frequência que os pais/encarregados de educação levam as crianças a brincar nos espaços exteriores e também recolher informação sobre se a pandemia SARS-COV2 teve algum impacto negativo na exploração desses mesmos espaços.

O inquérito por questionário foi implementado aos encarregados de educação do grupo de crianças onde exercemos a PES em EPE. Este instrumento de recolha de dados era constituído por 11 perguntas, sendo a maioria de escolha múltipla e apenas uma de resposta aberta. Registamos 20 respostas num total de 23, sendo que destas 20, 18 correspondiam ao sexo feminino e as restantes 2 ao sexo masculino (ver figura 33), tendo em conta a idade os EE apresentavam uma idade entre os 20 e os 50 anos (ver figura 34).

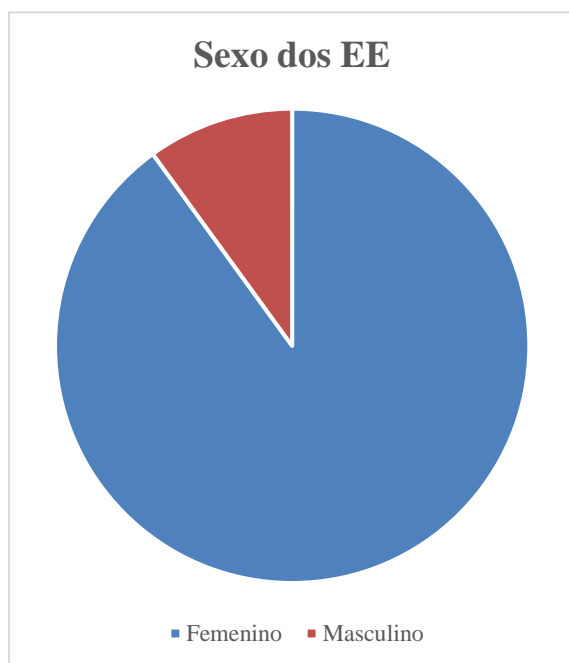


Figura 33- Gráfico do sexo dos EE

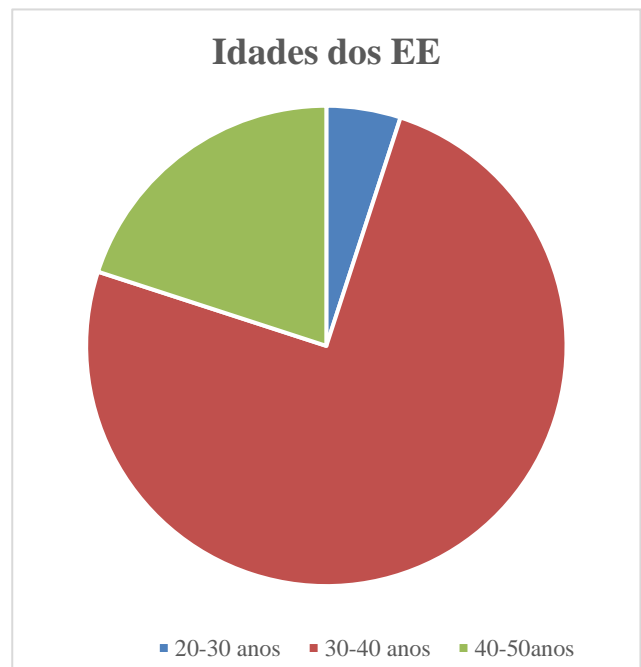


Figura 34- Gráfico das idades dos EE

A terceira e quarta pergunta deste questionário era sobre o parentesco dos EE e o número de filhos que estes têm. Ao analisar as respostas podemos concluir que o grau de parentesco maioritário era a mãe, com uma percentagem de 90% correspondendo a 18 pessoas e apenas 10% das respostas eram dadas pela figura paterna (ver figura 35).

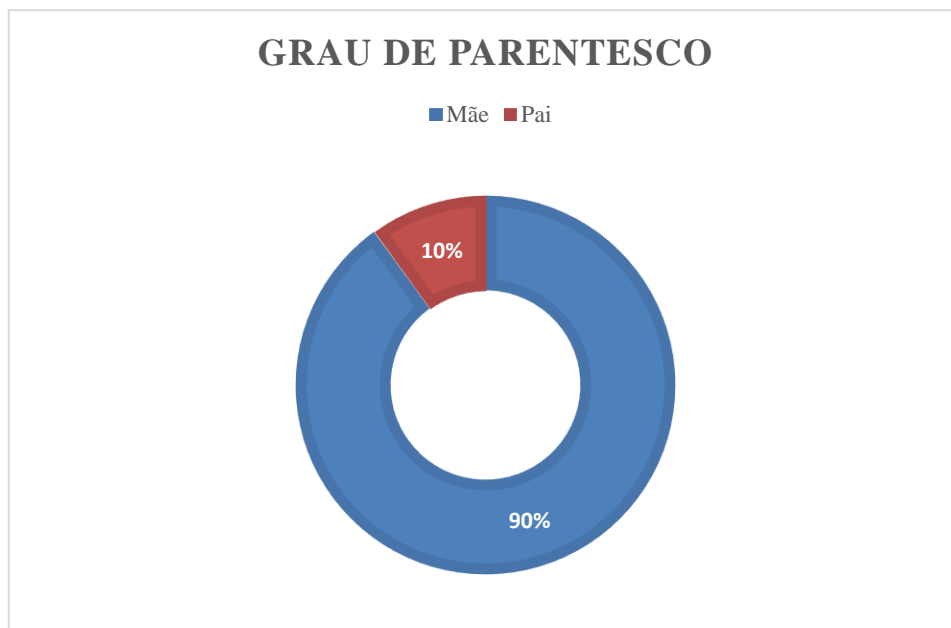


Figura 35- Gráfico do grau de parentesco

Observando o gráfico seguinte (ver figura 36) podemos verificar que a maioria dos EE têm 2 filhos, o que equivale a 50% das respostas.

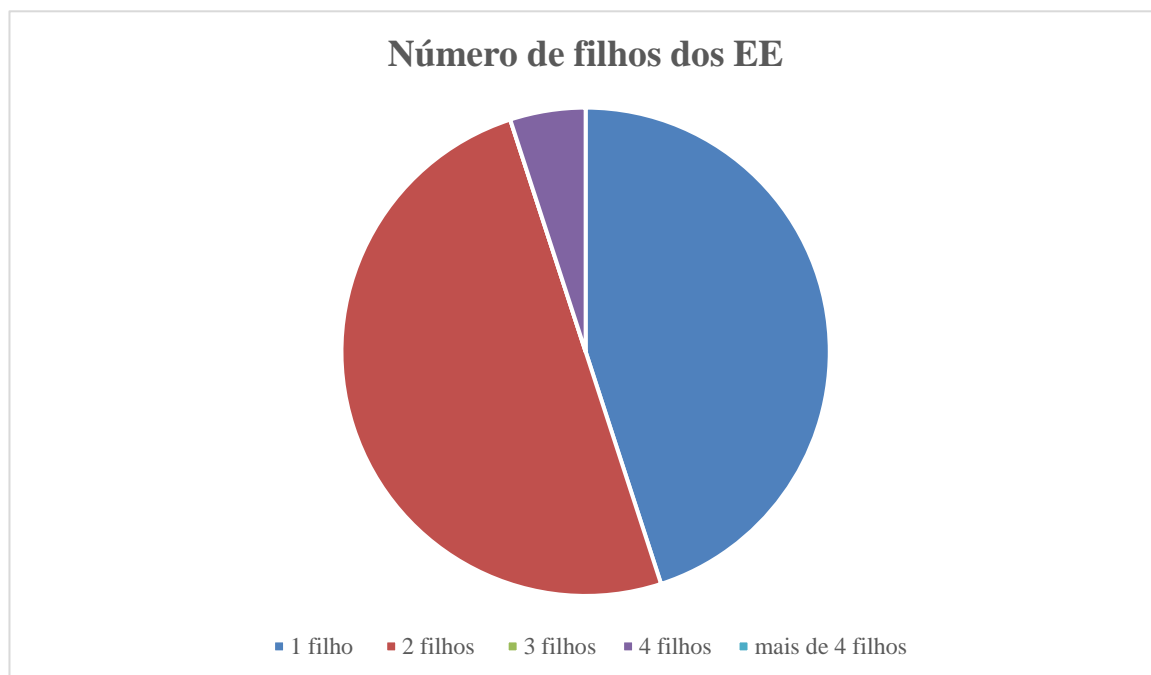


Figura 36- Gráfico do número de filhos dos EE

Considerando as respostas dos EE à pergunta “Considera que brincar é importante para o desenvolvimento da criança?” podemos concluir que todos os EE (100%) foram unânimes em afirmar que brincar é realmente importante para o desenvolvimento dos seus

educandos. Também quando questionados sobre a importância de brincar ao ar livre, os EE não tiveram dúvidas em dar pontuação máxima (de 1 a 5) à questão “Considera importante brincar ao ar livre?”.

Passando à questão “Com que frequência brinca com o(s) seu(s) filho(s) ao ar livre?” obtivemos diferentes respostas. Sendo esta uma pergunta de escolha múltipla, 5 EE assinalaram que brincavam com os seus filhos ao ar livre todos os dias, contrastando com a resposta de 2 EE que assinalaram que a frequência com que brincavam ao ar livre correspondia apenas a 1-2 vezes por semana (ver figura 37).

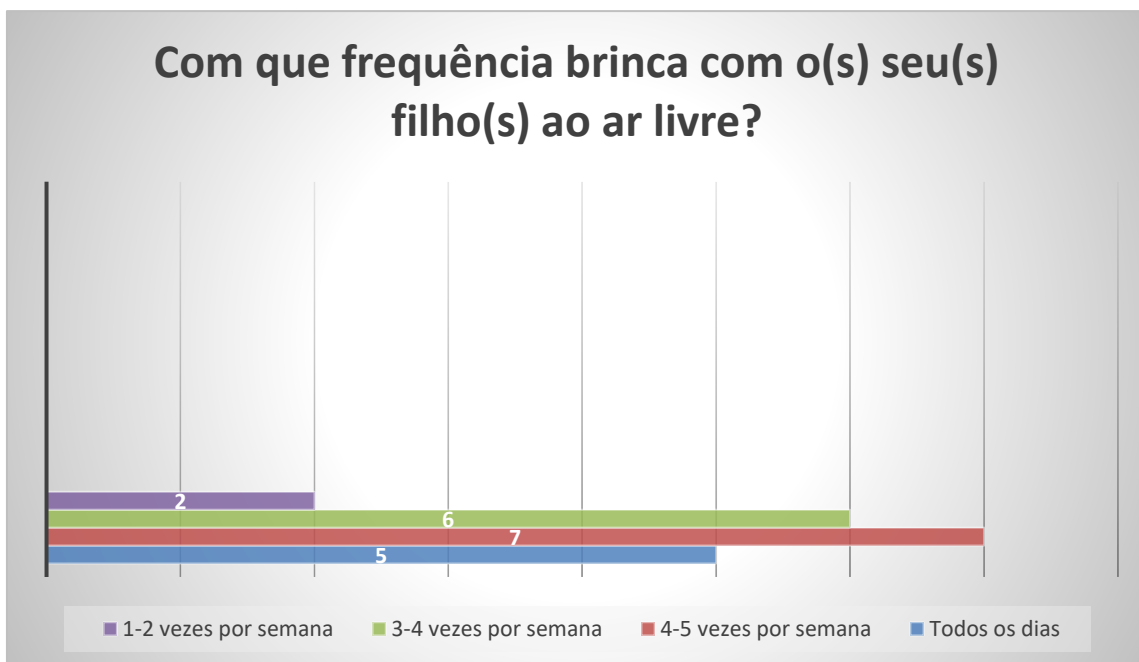


Figura 37- Gráfico das respostas à pergunta “Com que frequência brinca com o(s) seu(s) filho(s) ao ar livre?”

Depois desta questão achamos por bem interrogar se as condições meteorológicas influenciavam estas brincadeiras ao ar livre, ao qual concluímos que realmente era um fator preponderante pois, 85% dos EE responderam afirmativamente a esta pergunta (ver figura 38).

A meteorologia tem influência, para si, para levar o(s) seu(s) filho(s) a brincar ao ar livre?

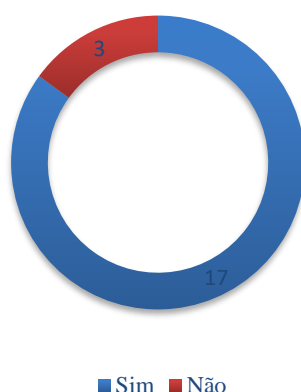


Figura 38- Gráfico das respostas à pergunta “As condições meteorológicas influenciam as brincadeiras ao ar livre?”

Apesar das várias condicionantes que poderão existir, os EE consideram ser bastante importante realizar atividades no exterior e são da opinião de que os seus educandos preferem realizar atividades neste espaço.

A última pergunta deste inquérito por questionário era de resposta aberta e tinha como intuito perceber a opinião dos EE sobre se a pandemia tinha modificado alguns dos hábitos tendo em conta o brincar ao ar livre. Para analisar estas questões decidimos organizá-las por categorias, pois e corroborando com Moura, Ramos, Simões e Li (2021) as categorias são “características em comum ou dimensões que as fontes dos dados apresentam e a sua construção pode ser realizada de forma flexível e interativa” e estão também “diretamente relacionadas com as questões de investigação” (p.52). Assim sendo dividimos as respostas por 5 categorias sendo elas apresentadas na tabela que se segue.

Tabela 4 – Categorização das respostas dos EE sobre se a pandemia tinha modificado alguns dos hábitos do brincar ao ar livre

O que mudou com a pandemia SARS-COV2?	
Os locais	8
A liberdade	7
A socialização	1
Não mudou muito	2
Tudo	2
Total	20

Ao analisar as respostas dadas pelos EE na presente tabela podemos verificar que o que mais mudou com a pandemia foram os locais onde as crianças brincavam, pois nas palavras dos EE, “Tentamos ficar pelo jardim em vez de passear pela cidade”, “A única coisa que mudou foram os locais escolhidos para podermos fazer as nossas atividades temos que brincar no nosso jardim de casa ou na aldeia”. Pelo contrário existem EE que são da opinião de que a pandemia não influenciou nas brincadeiras ao ar livre pois passam grande parte do tempo na aldeia tal como referiu um dos EE “Não muito, porque vamos muito para a aldeia e brinca lá muito na mesma.”.

Com a análise dos dados recolhidos neste inquérito por questionário é possível constatar que de uma forma geral os EE consideram importante brincar ao ar livre, sendo uma das preferências dos seus filhos e também foi possível analisar que existem fatores que podem influenciar ou alterar a forma como brincam, o exemplo disso são as condições meteorológicas e a pandemia SARS-COV2 que nos últimos tempos nos tem atormentado.

5.2. Apresentação, análise e interpretação de dados recolhidos no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ao longo desta investigação foram utilizados vários instrumentos e técnicas de recolha de dados que nos permitiram obter informações importantes para a concretização do presente relatório. No contexto do 1.º CEB, para além da observação participante, notas de campo, produções das crianças e registos fotográficos, também, implementamos um inquérito por questionário (anexo 2) às crianças da turma com quem trabalhamos com o propósito de conhecer a opinião destas (alunos da turma) sobre as EEA que realizámos, nomeadamente, as que foram concretizadas no espaço exterior.

Este inquérito por questionário era constituído por 8 perguntas, apresentando perguntas de escolha múltipla e perguntas com resposta aberta. Desta feita, o inquérito por questionário foi implementado na turma do 1.º ano de escolaridade, onde decorreu o estágio no contexto do 1.º CEB, tendo sido registadas 22 respostas das 23 possíveis, uma vez que uma criança não esteve presente aquando da realização do inquérito por questionário. Assim sendo, as crianças apresentavam idades de 6 e 7 anos (figura 39), sendo 12 do sexo feminino e 10 do sexo masculino (figura 40).

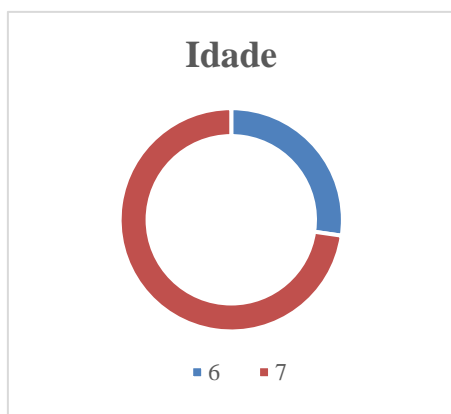


Figura 39- Gráfico das idades das crianças

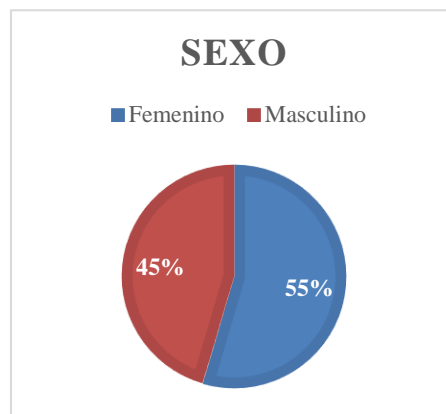


Figura 40- Gráfico do sexo das crianças

Com o intuito de perceber a opinião das crianças sobre as aulas que lecionamos, pedimos-lhes que escrevessem uma palavra, que para elas, caracterizassem as nossas aulas. Como ilustra a nuvem de palavras abaixo (figura 41), “adorei” foi a palavra mais escolhida pelas crianças, sendo o termo nomeado por 11 crianças num total de 22, o que representa 50% da turma. Outras palavras que caracterizam as nossas EEA na opinião das crianças foram “amei”, “feliz” e “gostei”. Partindo da análise desta pergunta (“Escreve uma palavra que caracterize essas aulas”), podemos retirar que de uma forma geral, o feedback das crianças sobre as EEA que lhes apresentamos foi bastante positivo, pois as palavras utilizadas por elas mostram que gostaram das nossas aulas e que se sentiram felizes com as atividades que lhes propusemos.

Figura 41– Nuvem de palavras à questão –
“Escreve uma palavra que caracterize essas aulas”



Ao longo da PES sempre foi nossa intenção apresentar atividades que fossem ao encontro dos interesses e necessidades das crianças, em que estas se sentissem motivadas e

ativadas para os conteúdos que estávamos a lecionar. Quando questionamos as crianças sobre quais foram as atividades que mais gostaram (figura 42), 82% das crianças que corresponde a 18 respostas, afirmaram que gostaram de todas as atividades. Apenas 4 crianças foram mais pormenorizadas na sua resposta. Duas delas responderam que o mercadinho foi a atividade que mais gostaram e as outras duas responderam que as atividades que mais gostaram foram as de Estudo do Meio.

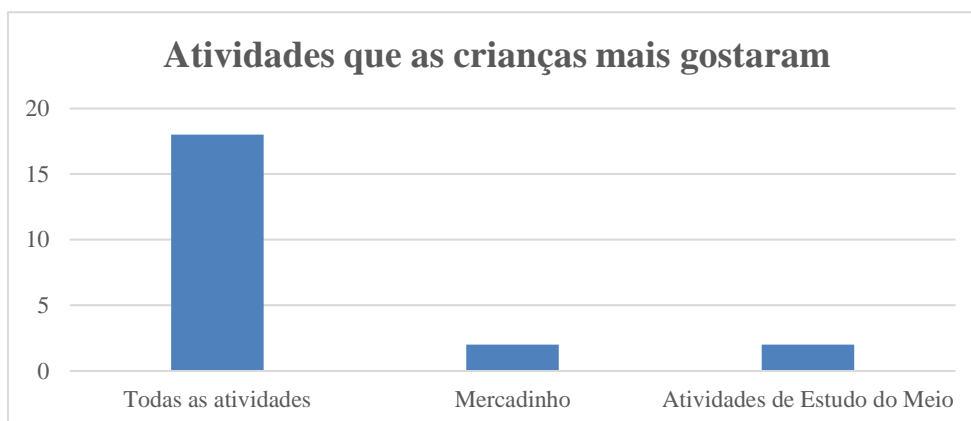


Figura 42- Gráfico das atividades que as crianças mais gostaram

Desde o início e como já referenciado anteriormente, foi nosso objetivo planejar atividades diferentes nas várias áreas disciplinares e que o espaço exterior fosse também ele utilizado para a leção de alguns dos conteúdos, uma vez que este espaço é o grande foco de todo o nosso processo da ação educativa e investigativa. Assim, pretendíamos saber através da questão “Gostas mais das aulas no exterior ou dentro da sala de aula?”, qual a preferência das crianças sobre estes dois espaços (figura 43).

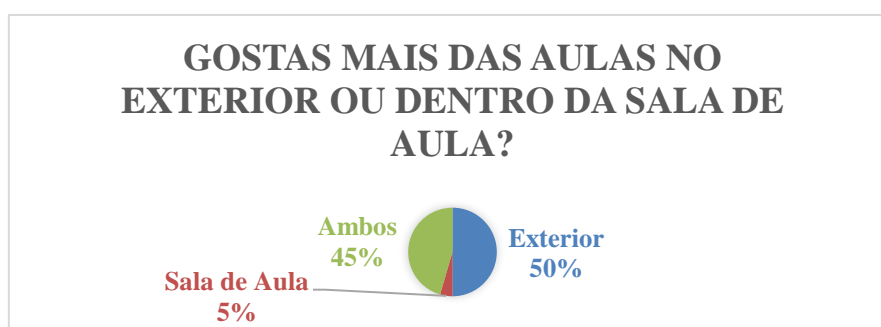


Figura 43- Gráfico das respostas das crianças à pergunta: "Gostas mais das aulas no exterior ou dentro da sala de aula?"

Ao analisar as respostas das crianças a esta pergunta, podemos retirar que apesar de a maioria das respostas, 11, recair para o exterior, existem 10 crianças que assinalaram ambas as hipóteses (aulas no exterior e interior), mostrando aqui, que as crianças gostam de realizar atividades nos dois espaços. Apenas uma criança assinalou que gosta mais das aulas realizadas na sala de aula, não tendo justificado a sua preferência. As crianças que assinalaram que gostam mais das aulas no exterior, representando 50% dos alunos da turma, justificaram a sua escolha referindo que neste espaço “*podíamos estar ao ar livre*”, “*porque estávamos em contacto com a natureza*”, “*porque lá fora podia observar a natureza*”, “*porque no exterior apanhamos ar livre e é mais divertido*” e porque as EEA que realizamos neste espaço foram “*divertidas*”. Já as crianças que assinalaram ambas as respostas, afirmando que gostam das aulas que se realizam no exterior e dentro da sala de aula, porque “*as atividades foram muito divertidas*”, “*gostei de todas as atividades*”, “*aprendi muito*” e “*porque eu gosto de fazer atividades dentro da sala e no recreio*”.

De uma forma geral, as crianças apresentavam justificações semelhantes e para melhor organização dos dados recolhidos nesta questão, optou-se por organizar as respostas dadas pelas crianças em 7 categorias (tabela 5). É de salientar que apenas uma criança não justificou a sua resposta.

Tabela 5 – Categorização das justificações dadas pelas crianças à pergunta “Gostas mais das aulas no exterior ou dentro da sala de aula?”

Categorização das justificações dadas pelas crianças à pergunta “Gostas mais das aulas no exterior ou dentro da sala de aula?”	
Foi divertido	8
Gosto pelas atividades no exterior	2
Porque estavam ao ar livre	5
Observação da natureza	2
Gostou muito das atividades	3
Novas aprendizagens	1
Não respondeu	1
Total	22

Quando questionamos as crianças se as atividades realizadas no exterior foram importantes para as aprendizagens, nesta questão, nenhuma criança apresentou dúvidas,

respondendo afirmativamente à questão “Achas que as aulas que tiveste no exterior foram importantes para a tua aprendizagem”, como comprova o gráfico abaixo (figura 44).

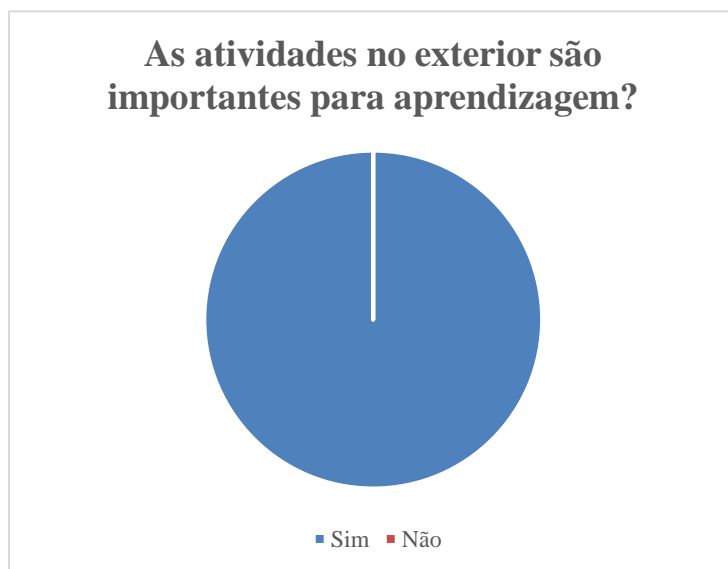


Figura 44- Gráfico das respostas à pergunta “As atividades no exterior são importantes para aprendizagem?”

As justificações das crianças a esta pergunta foram várias e diferentes, umas mencionaram que as atividades realizadas no exterior foram importantes porque permitiram novas aprendizagens (“*porque abordamos coisas novas*”, “*porque ficamos a saber mais coisas*”, “*porque aprendemos muitas coisas*”), que no exterior “*também aprendemos*”, mencionado que “*na rua também aprendemos*” e que as atividades que realizamos neste espaço foram “*divertidas*”, “*fixes*” e do agrado delas. Uma das crianças mencionou que as aulas no exterior foram importantes para a sua aprendizagem mencionando que gosta de “*estar em espaços sem paredes*”, já outra criança referiu que as aulas no exterior são as iguais às aulas que se realizam na sala de aula (“*Porque são quase as mesmas aulas que temos dentro da sala de aula*”). Por ser mais fácil de organizar e analisar as respostas dadas pelas crianças, optamos por organizá-las em categorias como ilustra a tabela seguinte.

Tabela 6 – Categorização das justificações dadas pelas crianças à pergunta “Achas que as aulas que tiveste no exterior foram importantes para a tua aprendizagem”

Categorização das justificações dadas pelas crianças à pergunta “Achas que as aulas que tiveste no exterior foram importantes para a tua aprendizagem?”	
Novas aprendizagens	12
No exterior também se aprende	5
Gostei	3
Divertido	1
Gosto pelo ar livre	1
Total	22

Sendo o nosso foco principal, mostrar que o espaço exterior é importante nas aprendizagens das crianças e um ótimo recurso a ser utilizado pelos docentes para a realização das suas práticas educativas, também nós, preparamos várias atividades no exterior e questionamos as crianças sobre a frequência que tinham aulas neste espaço quando era a nossa semana de intervenção. Apresentamos várias hipóteses de resposta e obtivemos, também, várias respostas, como é possível observar no gráfico (figura 45) em que 14 crianças assinalaram que tinham 2 vezes por semana aulas no exterior com a estagiária Tânia, as restantes crianças, 4 assinalaram 1 vez por semana e as restantes 4 assinalaram 3 vezes por semana. A justificação para a existência de várias respostas das crianças, pode ser justificada pelo facto de algumas crianças não estarem presentes aquando da realização das atividades por terem faltado à escola nesses dias.

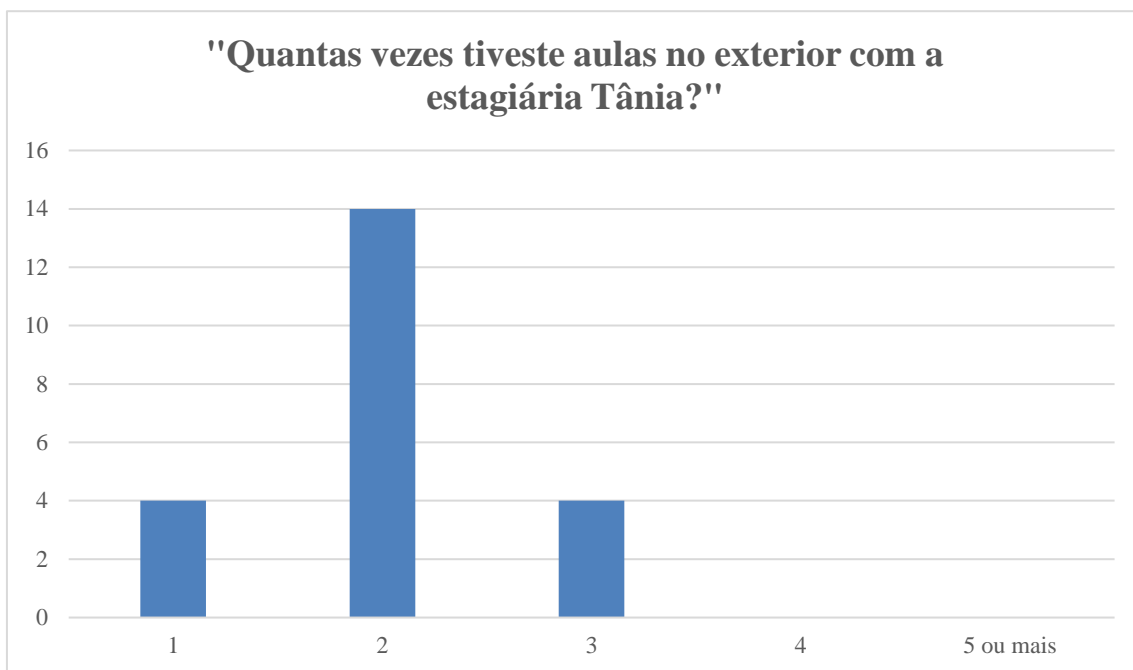


Figura 45- Gráfico das respostas à pergunta “Quantas vezes tiveste aulas no exterior com a estagiária Tânia?”

Como já referido anteriormente, nomeadamente, na descrição das EEA no contexto do 1.º CEB, muitas foram as atividades que planeamos e que posteriormente realizamos nas nossas intervenções, sempre com o intuito de cativar e motivar o interesse, a exploração, a descoberta, o querer saber mais e sobretudo o envolvimento das crianças em todas as atividades, tendo estas um papel ativo nas suas aprendizagens. Nesse sentido preparamos aulas para serem realizadas no exterior e dentro da sala de aula, sendo que o nosso foco era aproveitarmos o espaço exterior para a realização das mesmas. Assim, preparamos algumas atividades para serem realizadas nesse mesmo espaço. Neste segmento, perguntámos às crianças qual foi a atividade que mais gostaram de realizar de entre todas as realizadas nesse espaço. Analisando as respostas das crianças (figura 46) verificamos que 6 crianças gostaram de todas as atividades realizadas no espaço exterior, não conseguindo nomear nenhuma atividade. Com o mesmo número de resposta, a EEA com o objetivo de plantar uma flor no recreio da instituição foi, igualmente, a preferida de 6 crianças. Também o mercadinho e o teatro obtiveram a preferência de 5 crianças, cada uma.

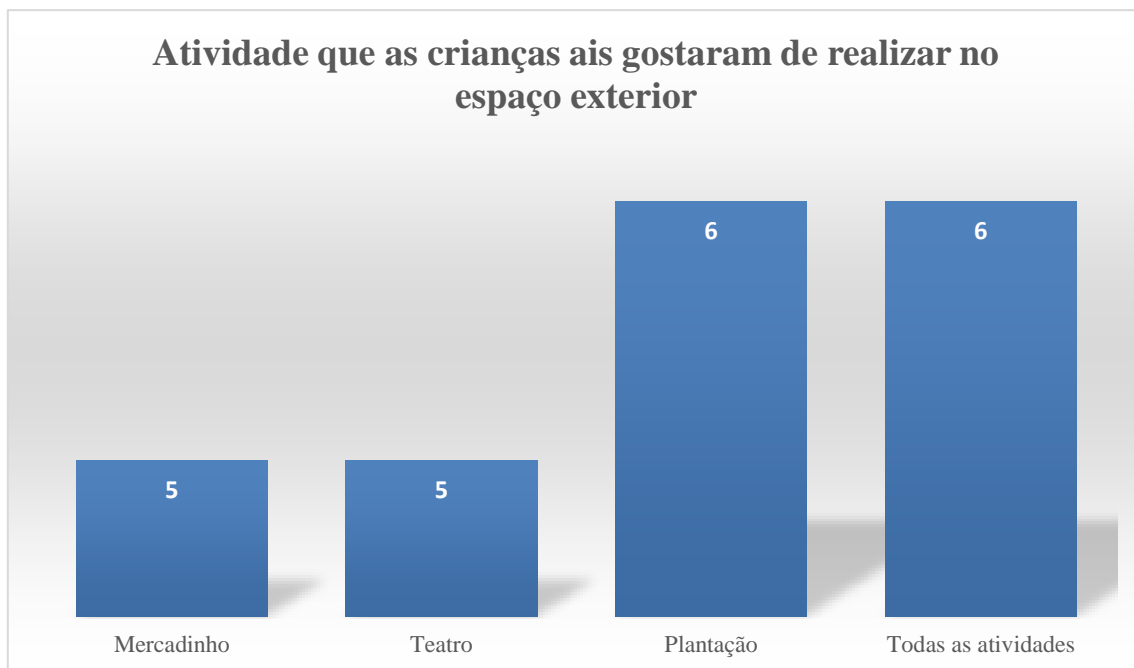


Figura 46- Gráfico das atividades que as crianças mais gostaram de realizar no espaço exterior

Por fim, questionamos as crianças se fossem elas a "mandar" na escola quantas vezes por semana tinham aulas no exterior. Ao observar o gráfico abaixo (figura 47), as crianças demonstraram que se elas "mandassem", existiriam nas suas planificações aulas no exterior. É de salientar que esta pergunta era de resposta aberta, tendo as crianças liberdade de escreverem o número de vezes que achassem mais adequado. Assim, analisando as respostas das crianças, duas delas mencionaram que optariam por ter aulas no exterior 2 vezes por semana, já 6 crianças "mandariam" que existisse 3 vezes por semana aulas ao ar livre. Para 3 crianças, deveria haver aulas no exterior 4 vezes por semana e para 5 delas optariam por ter 5 vezes por semana aulas no exterior. Por outro lado, 6 crianças trocariam as aulas do espaço interior, sala de aula, pelo espaço exterior, uma vez, que na opinião destas 6 crianças e se fossem elas a mandar tinham sempre aulas no exterior. Através da análise das respostas dadas pelas crianças a esta pergunta e da observação do gráfico, podemos concluir, que as crianças gostam de ter aulas no exterior e que pelo menos duas vezes por semana deveria existir a lecionação dos vários conteúdos programáticos no espaço exterior.



Figura 47- Gráfico das respostas à pergunta “Quantas vezes por semana tinhas aulas no exterior?”

No final da análise do questionário implementado à turma do 1.º CEB com quem trabalhamos ao longo da PES e juntando a estes as observações, as notas de campo, os registos fotográficos e o feedback transmitido pelas crianças durante a nossa ação educativa, podemos concluir, que as crianças gostaram das atividades que lhes apresentamos, pois estas foram referindo ao longo do inquérito por questionário, que estas eram divertidas, que adquiriram novas aprendizagens e salientaram que no “espaço exterior também se aprende”, comprovando, assim, que o espaço exterior pode influenciar positivamente as aprendizagens. As crianças afirmaram, igualmente, que as EEA realizadas no espaço exterior contribuem para as suas aprendizagens e que este espaço deveria ser utilizado mais vezes na realização de várias atividades, independentemente da área disciplinar, tornando-se assim num espaço que se pode aproveitar para práticas mais dinâmicas e que vão ao encontro das necessidades e interesses das crianças, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Considerações finais

Neste ponto, refletiremos sobre toda a nossa ação pedagógica desenvolvida nos dois contextos onde realizamos a PES, a Educação Pré-Escolar (EPE) e 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), sintetizando os momentos considerados mais importantes e pertinentes para a execução do presente relatório, como as observações efetuadas, as intervenções realizadas, os pontos positivos e as dificuldades que nos deparamos ao longo do estágio. Assim, como pretendemos, também, refletir e sintetizar todo o processo investigativo que foi concretizado a par e em concordância com as nossas intervenções nos contextos educativos.

A passagem pelos contextos de PES, foi uma experiência muito enriquecedor, pois permitiu um contacto directo com dois contextos educativos distintos. Ao longo da PES, tivemos oportunidade e possibilidade de observar toda a dinâmica e organização da instituição e de todo o trabalho realizado pela mesma e, mais concretamente, pelas docentes cooperantes pois, tivemos a oportunidade de observar e cooperar junto delas. Foi através desta convivência e participação nos contextos educativos, nomeadamente, na EPE e no 1.º CEB, que tivemos a perceção das várias situações reais e próprias destes contextos. Nem sempre foi fácil e por vezes sentimos algumas dificuldades, mas adaptamo-nos a todas as situações e momentos, sempre a pensar no melhor para as crianças com quem trabalhamos e como poderíamos fazer mais e melhor. Foi para elas que sempre trabalhamos e preparamos várias atividades, que fossem ao encontro das suas necessidades e que, acima de tudo, despertasse o interesse e as motivasse para a realização das mesmas, nunca esquecendo a nossa parte investigativa, onde a utilização do espaço exterior era tema central de toda a nossa prática, como referido ao longo do presente relatório.

Assim, foi nosso objetivo que durante toda a ação educativa, realizar várias atividades no espaço exterior, mostrando que este pode e deve ser utilizado para a realização de EEA nas mais diversas áreas e disciplinas. Pois, estes espaços, também permitem que a criança desenvolva várias competências e que ao mesmo tempo se sinta livre para explorar e descobrir tudo o que está à sua volta, “porque no exterior também aprendemos”, resposta dada por uma criança do 1.º CEB no inquérito por questionário aplicado à turma do 1.º ano com quem estagiamos.

A investigação desenvolvida surgiu por algumas dúvidas que tínhamos sobre o tema e foram essas dúvidas que nos fizeram querer saber mais, transportando toda a nossa investigação para os contextos educativos e, ao mesmo tempo, tentar enriquecê-los com

atividades realizadas no espaço exterior da instituição, comprovando que este é também um espaço ideal para a ação educativa. Toda a nossa investigação foi direcionada no sentido de dar resposta à questão-problema: “*De que forma a utilização dos espaços exteriores influenciam nas aprendizagens das crianças?*” e assim, direcionamos toda as nossas intervenções para responder a essa questão delineando como objetivos: (i) compreender e avaliar a organização dos espaços interiores e exteriores das instituições da PES e as ações pedagógicas que neles se desenvolvem, no presente objetivo, podemos salientar que a instituição era dotada de espaços acolhedores, organizados e com todos os materiais necessários para as aprendizagens das crianças. Estas tinham à sua disposição um grande espaço exterior, com todas as condições para o explorarem com todos os cuidados, sendo possível criar variadíssimas atividades. Assim como, o espaço interior que disponibilizava às crianças uma panóplia de recursos e materiais ideais para a realização de diversas ações pedagógicas; (ii) aumentar o número de atividades realizadas no exterior da Instituição, podemos salientar que de uma forma geral este objetivo foi cumprido em ambos os contextos, pois realizávamos várias atividades no exterior, promovendo assim, aprendizagens significativas nas diferentes áreas de conhecimento; (iii) estimular e promover a exploração dos elementos que constituem a natureza, o presente objetivo foi atingido, pois sempre que possível utilizávamos elementos que constituem a natureza para enriquecer as nossas atividades, sendo estes elementos o mote para a concretização de algumas produções das crianças ou dos temas a trabalhar, estimulando e promovendo a exploração de vários elementos da natureza por parte das crianças; (iv) criar atividades/materiais que promovam o brincar e o aprender no exterior, este objetivo também foi cumprido, pois em todas as nossas EEA criamos algumas atividades e alguns materiais para complementar as nossas propostas de atividades e enriquecê-las, de forma a cativar as crianças, promovendo, assim, o brincar e o aprender ao ar livre; (v) promover a aprendizagem ao ar livre, também este objetivo foi atingido, uma vez que sempre foi nosso foco promover aprendizagens ao ar livre e que estas fossem de encontro às necessidades das crianças, proporcionando atividades que permitissem às crianças a exploração do espaço exterior, assim como utilizá-lo como sendo a “sala de aula”.; (vi) conhecer a opinião dos encarregados de educação e dos professores/educadores sobre a exploração dos espaços exteriores, com este objetivo podemos referir e tendo em conta a análise dos dados que recolhidos, que tanto os encarregados de educação como os docentes consideraram importante explorar e utilizar o espaço exterior para as ações pedagógicas, sendo uma mais-valia para todos. .

No final da PES e analisando todos os dados que fomos recolhendo com base nas observações, nas notas de campo, do feedback transmitido pelas crianças e pelos inquéritos de questionário realizados, podemos concluir que de facto o espaço exterior e, conseqüentemente, o brincar ao ar livre tem aspetos positivos e influenciam nas aprendizagens das crianças, pois estas estão mais motivadas para os desafios que lhes são colocados e realizam de uma forma mais “leve”, feliz, divertida todas as atividades, sendo notório um aumento do empenho na realização das atividades propostas, assim como estão mais disposta à descoberta e à ação. Assim, considerado todos os aspetos mencionados anteriormente e ao longo do presente relatório, podemos considerar que respondemos à questão-problema apresenta neste trabalho e pela qual toda a nossa ação educativa e investigativa se orientou, assim com o cumprimento dos objetivos que nos propusemos a cumprir, tendo sempre em consideração os interesses e o bem-estar de todas as crianças com quem desenvolvemos a PES.

Com a realização do presente trabalho e concluindo todo o processo de investigação e de intervenção nos dois contextos educativos, podemos afirmar que a nossa ação pedagógica contribuiu positivamente para a nossa formação pessoal e profissional. A nível profissional deu-nos “bagagem” para superar alguns desafios que futuramente podemos vir a passar e sobretudo, ficamos com uma noção mais realista do que realmente se passa nos contextos educativos. A nível pessoal permitiu desenvolver a nossa autonomia, responsabilidade, trabalho em equipa, saberes e valores importantíssimos a ter na nossa vida.

Ao final desta passagem, conhecemos muitas pessoas com quem aprendemos e que nos enriqueceram com os seus saberes e experiências. Também as crianças foram essenciais para o desenrolar de toda a nossa ação educativa, aprendemos muito com eles e foi para elas que desenvolvemos atividades e trabalhamos sempre a pensar nos seus interesses, pois ao brincar também se aprende. E o espaço exterior pode ser um grande aliado pois é urgente “libertar as crianças” e dar-lhes a conhecer um mundo que está ao seu alcance, cheio de desafios e riqueza material pronto a ser explorado e descoberto, trabalhando e desenvolvendo todas as áreas do saber.

Referências bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Batista, B., Rodrigues, D., Moreira, E., & Silva, F. (2021). *Técnicas de Recolha de Dados em investigação: Inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista?* Em A. Alves, A. Nascimento, A. Ulhõa, B. Batista, C. Capela, C. Venturine, . . . P. Silva, Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados (Vol. 2) (pp. 13-36). UA Editora.
- Bento, G., & Portugal, G. (2019). *Uma reflexão sobre um processo de transformação*. Revista portuguesa de educação, pp. 91-106.
- Bilton, H., Bento, G. & Dias, G. (2017). *BRINCAR AO AR LIVRE: Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.
- Borba, A. M. (2007) *A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil*. In: BRASIL/MEC –Revista Criança do professor de educação infantil –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, (pp.12-21)
- Breda, A., Serrazina, L., Menezes, L., Sousa, H., & Oliveira, P. (2011). *Geometria e Medida no Ensino Básico*. Ministério da Educação.
- Carvalho, G. S., & Freitas, M. V. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio*. Plural Editores
- Craveiro, M. C. (2007). *Formação em contexto um estudo de caso no âmbito da Pedagogia da Infância* [Tese de doutoramento, UM- Universidade do Minho]. Repositório UM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7085>
- Direção Geral de Educação (2013). *Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras*. Acedido em 03-11-2021. Disponível em:
https://dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf
- Direção Geral de Educação (2013). *Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras*. Acedido em 03-11-2021. Disponível em:

https://dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf

Ferreira, D. (2010). *O direito a brincar. Cadernos de Educação de Infância*, Nº 90, Lisboa: APEI, pp. 12-13

Folque, M. A. Bettencourt, M. & Ricardo, M. (2015). *A prática educativa na creche e o modelo pedagógico do MEM*. Escola Moderna, 3 (6.^a série), 13-34.

Ganhão, A. R. (2017). *Brincar sem teto: A importância do Espaço Exterior na Creche e no Jardim de Infância* [Dissertação de mestrado, IPS- Instituto Politécnico de Setúbal]. Repositório rcaap. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18586/1/Tese-Final.pdf>

Gaspar, M. (2010). *Brincar e criar zonas de desenvolvimento próximo: a voz de Vygotsky*. Cadernos de Educação de Infância, Nº 90, Lisboa: APEI, pp. 8-10

Mata, L., & Pinto, I. (2021). *Participação e Envolvimento das Famílias - Construção de Parcerias em Contextos de Educação de Infância*. Ministério da Educação.

Moura, E., Ramos, R., Simões, S., & Li, Y. (2021). *Técnica de Análise de Conteúdo: uma reflexão crítica*. Em A. M. Romão, A. Oliveira, A. Espain, C. Cravo, E. Moura, G. Reses, . . . Y. Li, *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: análise de dados (Vol. 3)* (pp. 45-60). UA Editora.

Inácio, A. S. (2019). *O desenvolvimento das crianças no espaço exterior: estudo exploratório em JI e no 1.º CEB* [Dissertação de mestrado, IPSantarém- Instituto Politécnico de Santarém]. Repositório IPSantarém. <https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/2675/1/Relat%C3%B3rio%20Andreia%20Sofia%20Dos%20Reis%20In%C3%A1cio.pdf>


Meirelles, R. (2014). *Território do brincar- diálogo com escolas*. Instituto Alana. https://territoriobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio_do_Brincar_-_Di%C3%A1logo_com_Escolas-Livro.pdf

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo*. Ministério da Educação.

- Neto, C. (2020). *Corpo ativo numa escola ativa em tempo de pandemia*. Acedido em 15-03-2021. Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/corpo-ativo-numa-escola-ativa-em-tempo-de-pandemia/>
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças*. Contraponto editores.
- Neto, C., & Lopes, F. (2017). *Brincar em Cascais*. CERCICA.
- Pinto, I. F., Campos, C. J., & Siqueira, C. (2018). *Investigação Qualitativa: Perspetiva geral e importância para as ciências da nutrição*. *Acta Portuguesa de Nutrição*, pp. 30-34. Obtido em https://actaportuguesadenutricao.pt/wp-content/uploads/2018/11/ACTA-14_high.pdf
- Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. Em J. P. Ponte, I. Oliveira, L. Serrazina, A. Boavida, I. Segurado, O. Sousa, . . . J. Carrillo, *Reflectir e Investigar sobre a Prática Profissional*. 5-28: Associação de Professores de Matemática.
- Rodrigues, H. (2019). *Pode-se brincar no exterior no Inverno?* Obtido de Pedratria para todos: <https://pediatriaparatodos.com/2019/12/15/pode-se-brincar-no-exterior-no-inverno/>
- Santos, S. M. (2002) *O lúdico na formação do educador*. (5ª ed.) Petrópolis: Vozes
- Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).
- Traqueira, A., Pacheco, E., & Távira, E. (2021). *Reflexão Crítica sobre Métodos e Técnicas de Recolha de Dados Investigação-Ação*. Em A. Traqueira, C. Euzébio, D. Soares, E. Pacheco, E. Távira, I. Bernardo, . . . T. Soares, *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: métodos* (Vol. 1) (pp. 33-50). UA Editora.

Anexos

Anexo 1- Inquéritos aos EE



Questionário sobre a importância de realizar atividades no exterior

O presente inquérito por questionário é parte integrante de uma investigação para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Tem como público alvo Encarregados de Educação.

A investigação está a ser desenvolvida com intuito de obtenção de dados sobre a frequência com que as crianças brincam e realizam atividades ao ar livre. Este inquérito por questionário está sob orientação científica do Professor Doutor Luís Castanheira.

Neste questionário, não existem respostas certas ou erradas relativamente a qualquer dos itens, pretendendo-se apenas a sua opinião pessoal e sincera. É importante frisar que este questionário é de natureza confidencial. O tratamento de dados, por sua vez, será efetuado de uma forma global, não sendo sujeito a uma análise individualizada, o que significa que o seu anonimato é respeitado.

O questionário presente será realizado de uma forma breve, levando assim no máximo cerca de 10 minutos do seu tempo. É importante frisar que o sucesso desta investigação depende muito do seu contributo. Desde já deixo o meu sincero agradecimento pela sua colaboração e votos de maior sucesso!

Para qualquer questão ou dúvida, contacte Tânia Pereira através de:
tanarafaela23@hotmail.com

Sexo ***

Masculino

Feminino

Outra opção...

Idade *

20-30 anos

30-40 anos

40-50 anos

mais de 50 anos

Parentesco *

Pai

Mãe

Outro

Outra opção...

Número de filhos *

- 1
- 2
- 3
- 4
- mais de 4

Considera que brincar é importante para o desenvolvimento da criança? *

- Sim
- Não

Considera importante brincar ao ar livre? *

- | | | | | | | |
|------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| pouco importante | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | muito importante |

Com que frequência brinca com o(s) seu(s) filho(s) ao ar livre? *

- Todos os dias
- 4-5 vezes por semana
- 3-4 vezes por semana
- 1-2 vezes por semana

A meteorologia tem influência, para si, para levar o(s) seu(s) filho(s) a brincar ao ar livre? *

- Sim
- Não

Considera importante realizar atividades no exterior? *

- | | | | | | | |
|------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| pouco importante | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | muito importante |

O(s) seu(s) filho(s) gosta(m) mais de realizar atividades no exterior ou no interior? *

- Interior
- Exterior

Tendo em conta o brincar ao ar livre, o que mudou com a pandemia? *

Texto de resposta longa

Anexo 2- Inquéritos aos alunos do 1.º CEB

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico Prática de Ensino Supervisionada Ano Letivo 2020/2021

O presente inquérito por questionário é parte integrante de uma investigação para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Tem como público-alvo alunos do 1.ºCiclo do Ensino Básico.

A investigação está a ser desenvolvida com intuito de obtenção de dados sobre a frequência com que as crianças brincam e realizam atividades ao ar livre. Este inquérito por questionário está sob orientação científica do Professor Doutor Luís Castanheira.

Neste questionário, não existem respostas certas ou erradas relativamente a qualquer dos itens, pretendendo-se apenas a sua opinião pessoal e sincera. É importante frisar que este questionário é de natureza confidencial. O tratamento de dados, por sua vez, será efetuado de uma forma global, não sendo sujeito a uma análise individualizada, o que significa que o seu anonimato é respeitado.

Obrigada pela sua colaboração e votos de maior sucesso!

1. Idade: _____ Ano: _____

2. Sexo:

Feminino

Masculino

3. Durante algumas semanas estiveste com a professora estagiária Tânia.

3.1. Escreve uma palavra que caracterize essas aulas.

3.2. Quais foram as atividades que gostaste mais?

4. Gostas mais das aulas no exterior ou dentro da sala de aula?

Exterior

Sala de aula

4.1. Explica porque escolheste a opção anterior.

5. Achas que as aulas que tiveste no exterior foram importantes para a tua aprendizagem?

Sim

Não

5.1. Porquê?

6. Quantas vezes por semana tinhas aulas no exterior com a professora estagiária Tânia?

1

2

3

4

5 ou mais

7. Das aulas que tiveste no exterior com a professora estagiária Tânia, qual foi a que mais gostaste?

8. Se pudesses “mandar” na escola, quantas vezes por semana tinhas aulas no exterior?

Obrigada pela tua colaboração! 😊